



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
EDVALDO SOUSA DO Ó – CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA HELENA TUANNE QUEIROZ

**ERA UMA VEZ... A CONSTRUÇÃO DO PERFIL FEMININO NOS FILMES DA
DISNEY NO SÉCULO XX E XXI**

**CAMPINA GRANDE
2016**

MARIA HELENA TUANNE QUEIROZ

**ERA UMA VEZ... A CONSTRUÇÃO DO PERFIL FEMININO NOS FILMES DA
DISNEY NO SÉCULO XX E XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada em
História.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Cristina de
Aragão Araújo

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q3e Queiroz, Maria Helena Tuanne

Era uma vez... a construção do perfil feminino nos filmes da Disney no Século XX e XXI [manuscrito] / Maria Helena Tuanne Queiroz. - 2016.

71 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Análise literária 2. Conto de fada 3. Mulher - Perfil 4. Comportamento feminino 5. Estereótipo de beleza I. Título.

21. ed. CDD 801.95

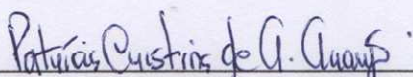
MARIA HELENA TUANNE QUEIROZ

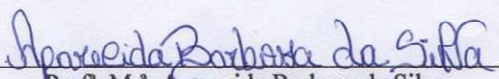
**ERA UMA VEZ... A CONSTRUÇÃO DO PERFIL FEMININO NOS FILMES DA
DISNEY NO SÉCULO XX E XXI**

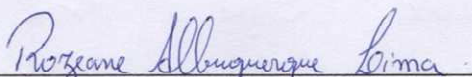
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciando (a) em História.

Aprovada em: 21/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof^a Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araujo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. Mr^a. Aparecida Barbosa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. Ms^a. Rozeane Albuquerque Lima
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco
(PPGH/UFPE)

As duas mulheres mais importantes da minha vida,
minha avó Helena da Silva e minha mãe Maria das
Neves, pelo incentivo, força e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida, pela superação das dificuldades e por tanta proteção que me cercou ao longo da minha caminhada.

A minha mãe, Maria das Neves Queiroz que desde o início da universidade, sempre deu incentivos e forças para continuar o curso até o fim e que ao chegar em casa, depois de um dia longo e cansativo na universidade, sempre tinha uma palavra de motivação o que me capacitava a enfrentar o próximo dia de cabeça erguida.

A minha vovó, Helena da Silva Queiroz, que ao visitá-la nos finais de semana recebia-me com um grande sorriso perguntando como vai os estudos e se orgulha em ter uma neta educadora, desejando que minha contribuição e sensibilidade de ajudar o próximo seja ilimitada.

Ao meu padrasto André Luiz, à quem envio meus trabalhos (artigos, resenhas, fichamentos e xerox) para ele tirar cópias e nas inúmeras vezes que veio me deixar de moto na universidade, evitando que chegasse atrasada.

A professora Rozeane Albuquerque Lima (Rose). Na verdade faltam palavras para agradecer, o carinho, a paciência ilimitada, a dedicação e os sorrisos, seja na hora de corrigir o trabalho monográfico ou em uma simples conversa, seu bom humor era insuperável. Até hoje, fico admirada com tanta alegria encontrada em uma só pessoa.

A professora Patrícia de Aragão, que mesmo tão ocupada das coisas acadêmicas, aceitou o desafio de auxiliar nessa trabalho, energia e vontade de ajudar o próximo é o que não falta, na sua personalidade.

Ao professor Rodrigo Costa, pelos inúmeros conselhos no ambiente acadêmico, como ter postura nas apresentações de trabalhos, dicas de elaboração de artigo e por ter respondido com tanta paciência as dúvidas que iam surgindo ao longo do caminho.

Aos professores do curso, José Adilson filho (por indicações de leituras), Maria Lindaci Gomes (pela oportunidade de participar do PIBIC e o projeto Casa do menino), professor Guerra (disciplina do OTEC), Ramsés Nunes (por ter apresentado o livro pedagogia da autonomia do autor Paulo Freire) e Adonhiran (pelo bom humor e fornecer muitas risadas, quando estava na correria da universidade). Com cada um, estou aprendendo o sentido de ser educadora, pesquisadora e levar para a vida as coisas com bom humor.

A minha amiga e irmã de coração, que estava ao meu lado nos movimentos alegres e tristes, Monyke Nascimento (Nikita). Desde o início do curso (há cinco anos), se identificamos, tanto nos gostos pelas mesmas leituras, quanto da vida particular. Como toda amizade, tivemos nossos altos e baixos, mas soubemos superar, e compartilhamos sorrisos, lágrimas, estresses e superações.

Ao meu amigo Carlos Arthur (chocolate), mesmo parecendo tão sério, chato, mostrou um lado que poucos conhecem o lado sensível e um coração pronto para ajudar. Afirmando que esse “lado sensível” que ressaltou, de acordo com ele acaba com sua reputação de “menino mal”.

Aos meus amigos do curso (Patrícia Alvarenga, Juliana Nascimento e Magna Melo), que começamos com uma turma longa, e hoje somos doze e a vontade conquistar a licenciatura, é o que nós motiva a cada dia. Assim como uma amiga especial que fez amizade nos corredores da universidade (do curso de letra), Ivna Karinne Oliveira (meu chaveirinho).

E por fim aos meus familiares, minhas irmãs Maria Luiza Queiroz (pelo carinho, cumplicidade e amor incondicional) e Raissa Kiara (pela paciência), que são um grande exemplo de forças e determinação. Meu primo e amado Osmar Bento (nossa viagens juntos na pinacoteca e no museu da língua portuguesa), meu sobrinho Cauã Queiroz (que titia ama) e por fim ao meu cunhado Anderson Galdino (irmão que eu nunca tive).

Há alguns que dizem que o destino, é algo além do nosso controle. Que não escolhemos nossa sina. Mas eu sei a verdade. Nosso destino vive dentro de nós. Você só tem que ser valente o suficiente para tê-lo
(Princesa Merida, Brave, 2012).

RESUMO

O presente estudo aborda a construção do perfil feminino nos filmes da Walt Disney. O objetivo foi realizar uma análise dos contos de fadas clássicos do século XX como Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959) e os atuais do século XXI, Valente (2012), Frozen (2013) e Malévola (2014), baseados nos filmes da Disney. Com o objetivo de identificar os padrões de comportamentos, os estereótipos de beleza criados para a mulher ao longo destes dois períodos distintos. Nos filmes da Walt Disney do século XX, a figura feminina foi associada a uma ideia de fragilidade que a colocou em uma dependência total do masculino, seja do pai, irmão ou marido, alimentando as construções machistas da sociedade da época. Esse modelo colocou a mulher sob a tutela do homem, antes (na figura do pai e do irmão) e depois do casamento (na figura do esposo). Com as modificações dos discursos sobre o papel social da mulher, os filmes da Disney tiveram que se adaptar ao lugar social das mulheres no século XXI, onde elas deixaram de ser coadjuvante para assumir um lugar diferenciado na sociedade, com novas liberdades, dando voz ativa ao seu senso crítico.

Palavras-Chave: Contos de fadas, mulher, discursos e beleza.

ABSTRACT

This study addresses the construction of the female profile in the Walt Disney movies. The goal was to conduct an analysis of fairy tales classics of the twentieth century as Snow White (1937), Cinderella (1950), Sleeping Beauty (1959) and the current of the century, Valente (2012), Frozen (2013) and Maleficent (2014), based on Disney movies. In order to identify patterns of behavior, beauty stereotypes created for women over these two periods. In the films of Walt Disney of the twentieth century, the female figure was associated with a sense of fragility that put in a total male dependence, is the father, brother or husband, fueling chauvinistic structures of society at the time. This model put the woman under the tutelage of man before (the figure of the father and brother) and after marriage (the husband of the figure). With the changes of speeches on the social role of women, Disney movies have had to adapt to the social position of women in the twenty-first century, where they ceased to be an adjunct to assume a different place in society, with new freedoms, giving a voice your critical sense.

Keywords: Fairy tales, woman , speeches and beauty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Cena do Filme Branca de Neve, 1937. Branca de Neve arrumando a casa dos anões junto com seus amigos da floresta (animais).....	20
Figura 2 Cena do filme Cinderela de 1950, lavando o chão de sua casa.....	21
Figura 3 Cenas do filme Valente, 2012	25
Figura 4 Cena do filme Frozen, 2013. A rainha Elsa abraçada a sua irmã Anna, depois de ela se tornar uma estátua de gelo	27
Figura 5 Cena do filme Malévola, 2014. O beijo de amor verdadeiro, um amor fraterno. Acaba despertando a princesa	28
Figura 6 cena do filme Cinderela (1950) , foi a primeira a ser mostrada como uma garotinha, no clássico da walt Disney.....	36
Figura 7 cena do filme Valente, 2012. A princesa na fase infantil com o seu arco e depois no colo de sua mãe, a rainha Elionor.....	37
Figura 8 : Aparência de Merida no filme Brave (2012) e depois a sua imagem reformulada pela Disney	43
Figura 9 Malévola do filme A Bela Adormecida de 1959 e Malévola do filme Maleficent de 2014	45
Figura 10 Pôster Original do filme Snow White and the Seven Dwarfs (versão Walt Disney, 1937)	47
Figura 11 Pôster original do filme Cinderella (versão da Walt Disney, 1950)	50
Figura 12 Pôster original do filme Sleeping Beauty (Versão da Walt Disney, 1959)	53
Figura 13 Pôster original do filme Brave (em português, Valente), versão Walt Disney, 2012	56
Figura 14 Pôster original do filme Frozen ,versão Walt Disney, 2013	60
Figura 15 Pôster original do filme Maleficent (Malévola), Versão Walt Disney, 2014	64

LISTA DE TABELAS

Tabela – Características dos filme da Walt Disney (século XX e século XXI).....	67-68
---	-------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 Capítulo I - O perfil feminino representados nos filme da Disney entre o século XX e XXI.....	14
2.1 Comportamentos e Discursos	15
2.2 Do amargo ao doce? Mudanças culturais no século XIX para o século XX	17
2.3 As princesas Clássicas: À espera do príncipe encantado	18
2.4 As princesas Contemporâneas : corajosas, obstinadas e independentes	23
3 Capítulo II - Breve Histórico: contos de fadas e público infantil.....	30
3.1 Os autores dos contos maravilhosos.....	31
3.2 O público Infantil: um novo olhar e diferentes versões.....	34
4 Capítulo III - As princesas da Disney e o mito da aparência e corpo perfeito	39
4.1 O Ideal de beleza do século XX.....	40
4.2 Século XXI: A construção de um “novo corpo” na Disney.....	42
4.3 Resumos e comentários dos filmes.....	46
4.3.1 Branca de Neve e os sete anões (1937)	46
4.3.2 Cinderela (1950).....	49
4.3.3 A Bela Adormecida (1959).....	52
4.3.4 Brave (2012)	55
4.3.5 Frozen – Uma aventura congelante (2013).....	59
4.3.6 Maleficent (2014).....	64
4.4 Tabela : Características dos filme da Walt Disney (século XX e século XXI).....	67
5 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

No campo teórico o tema “mulheres nos contos de fadas” se torna abrangente, este trabalho tem como foco a abordagem da construção do perfil feminino nos filmes da Disney. Nessa visão, que os contos de fadas fazem parte do imaginário infantil.

A figura da mulher sempre esteve atrelada às perspectivas e discursos masculinos. Dessa maneira é por meio do discurso masculino que a identidade do feminino foi representada, tanto nos contos, como em poesias, nos filmes e na iconografia.

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise dos contos de fadas clássicos do século XX: Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959) e os atuais do século XXI, Valente (2012), Frozen (2013) e Malévola (2014), baseados nos filmes da Disney. Com o objetivo de identificar os padrões de comportamentos e os estereótipos de beleza criados para a mulher ao longo destes dois períodos distintos.

A escolha por esse tema, a representação da figura feminina nos filmes da Disney, surgiu de uma apreciação pessoal. Quando criança, os filmes e os contos de Branca de Neve, Cinderela e a Bela Adormecida acompanharam minha trajetória da infância. Essas princesas, dotadas de delicadeza, passividade e beleza, povoavam o imaginário de muitas meninas que desejavam reproduzir o comportamento das princesas, se tornando uma dedicada dona de casa, mãe e esposa. Em um mundo onde as mulheres são constantemente expostas às limitações de comportamento, as princesas se tornaram o principal exemplo a serem seguidas.

Nessa visão, refletindo a respeito das princesas “domesticadas”, a educação da mulher nem sempre seguiu a linha de pensamento abordada nos contos de fadas. Essas mudanças de comportamentos estão presentes nos contos atuais. As mudanças dos discursos sobre a mulher gerou a oportunidade das mulheres conquistarem a cada dia seu espaço, sua independência no mercado de trabalho.

Esse padrão de comportamento doméstico, foi sendo substituído nos novos filmes da Disney, as princesas Merida, Elsa, Anna e Malévola, mostraram que a mulher não está submetida ao espaço doméstico e já não há necessidade da espera do príncipe encantado para socorrê-las.

As princesas modernas do século XXI, são independentes, ousadas, guerreiras e encontram sua redenção não no príncipe encantado mas em outra figura feminina (mãe, irmã) e passam a ter grande influência no comportamento das meninas.

As personagens femininas possuem papéis centrais dentro dos contos, sejam elas princesas clássicas (Branca de Neve, Aurora e Cinderela) ou princesas modernas (Merida,

Elsa, Anna e Malévola), elas continuam presentes no imaginário infantil, mesmo depois de anos de sua criação.

Este trabalho foi dividido em três etapas, no primeiro capítulo foram conceituados termos como representação de comportamento, ao longo de oitenta anos, o comportamento feminino foi uma preocupação para o universo masculino, que mantinha vigilância constante nas mulheres, Joana Pedro (1994), mostra que as mulheres bem educadas não ousavam falar na presença do homem, pois sua conversa era considerada tagarelice, futilidade. Autores como Stuart Hall (2004) e Simone Beauvoir (2003) abordam como as regras normatizantes de comportamento, influenciaram na postura e identidades femininas.

No segundo capítulo foi abordado o que é um contos de fadas juntamente à sua contribuição para a sociedade e como foi representada a infância nos filmes das Disney. Autores como Bettelheim (1980) e Coelho (2006), vem reforçar a importância dos contos e mostrar que nenhum discurso é neutro, é dotados de intenções que passam padrões que devem ser tomados como exemplo, a respeito do comportamento, beleza das princesas da Disney. José Júnior (2015) e Mary Del Priore (1997) afirmam que a infância nem sempre esteve presente na vida da criança, ela era vista como adultos em miniaturas, sendo assim, a infância não era reconhecida e nem praticada por todos, só para a classe nobre, que tinha condições de pagar estudos, viagens e se vestir de acordo com a moda da época.

Na terceira parte foi explicado brevemente o padrão de beleza das princesas de Disney: magro e delicado, como mostra Vigarello (2006), que as curvas excessivamente magras não são de hoje, com a ajuda do espartilho, cada vez cinturas finas e corpos esguios se tornou um desejo de consumo para as mulheres. Buriti Iranilson e José Aguiar (2015) auxiliaram na produção das fichas técnicas, resumos e comentários dos filmes (Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida, Brave, Frozen e Malévola) e análise dos pôsteres oficiais de cada filme, juntamente com a produção de um quadro que contém, de forma geral, as informações sobre as características dos filmes (nome dos filmes, lançamento, gênero, nomes das personagens e o elenco do filme).

Dessa forma, busca-se decorrer sobre a temática das mulheres nos filmes da Disney, abordando como o seu perfil foi representado, meiga, recata e do lar para uma mulher independente. O padrão de beleza das princesas que foi “desmistificado” e recebeu críticas do público, a exemplo da nova versão da princesa Merida, mas glamourizada e sexualizada, que foi criticada pela criadora do filme, Brenda Chapman e as influências desses contos para o público infantil.

2 Capítulo I - O perfil feminino representados nos filme da Disney entre o século XX e XXI

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nos mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2005, P.13)

As princesas da Disney fazem parte do imaginário e do cotidiano das meninas desde 1937, com o lançamento de Branca de Neve e os sete anões. À primeira vista elas parecem possuir o mesmo padrão de comportamento, mas ao longo dos últimos 80 anos, passaram por transformações na forma de agir e pensar. De exemplares donas de casas á espera de um príncipe encantado para socorrê-las, se tornaram independentes e rebeldes, capazes de enfrentar o mundo sozinhas.

O objetivo do primeiro capítulo foi realizar uma análise dos contos de fadas clássicos (do século XX) e os atuais (do século XXI), baseados nos filmes da Walt Disney, dentre eles Branca de Neve (1937), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), Valente (2012), Frozen (2013) e Malévola (2014). Tivemos como objetivo identificar os padrões de comportamento e os espaços criados para a mulher ao longo destes dois períodos distintos.

Sabendo que os contos de fadas fazem parte da imaginação das crianças, atrelando a vida real ao mundo imaginário, quem nunca sonhou em ser uma princesa e viver no castelo encantado à espera de um héroi (príncipe) em seu cavalo branco que fornecesse proteção e o amor eterno? Essas fantasias vão sendo desconstruídas com a chegada da adolescência e a vida adulta, juntamente com os discursos que vão sendo fabricados pela sociedade.

Segundo Chartier (2002), a História Cultural está relacionada com a identificação do modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler. É o que ocorre no espaço da construção do perfil feminino nos filmes da Disney: a preocupação que persiste na história da humanidade em ditar como a mulher deve se expressar, falar, se comportar na sociedade.

Desse modo, por séculos as mulheres ficaram subordinadas ao segundo plano, não tinham vez na história escrita e narradas por homens, trancafiadas em castelos ou simples moradia. Para Pedro (1994):

As mulheres foram ensinadas a silenciar, sua conversar foi rebaixada e chamada de tagarelice, enquanto a dos homens era considerada séria e digna de ser ouvida. As mulheres mais bem educadas nem ousavam falar na presença dos homens. (JOANA MARIA, 1994, P. 66).

Diante dessa relação, uma análise das princesas dos filmes produzidas pela Walt

Disney, mostra a diferença na construção do perfil feminino, através de uma simbologia (medo, interesses, aspirações, coragem), que saem do mundo da imaginação para fazer parte do mundo real. Permitindo que a criança, em muitas situações, coloque-se no lugar do personagem e adquira a identidade dele.

2.1 Comportamentos e Discursos

A Imagem do feminino esteve atrelada a ambiguidades, o olhar masculino reservava para as mulheres, opiniões em forma dupla. Ora demonstrava amor e admiração às mulheres, a exemplo de Maria¹, a Santa mãe obediente e zelosa, a perfeita imagem que toda mulher honrada deveria seguir. Ora era de raiva e repulsa, uma mulher forte, era vista como uma pecadora e perigosa, como a “traíçoeira Eva”, (de acordo com a Bíblia, Eva foi a primeira mulher a ser criada, surgindo da costela de Adão, o primeiro homem, levando o homem a pecar, ao comer do fruto proibido fornecido pela serpente (Satanás), e por isso foram expulsos do jardim do Éden: por ter desobedecido a Deus, ao degustar do fruto).

Desse modo, as mulheres sempre foram associadas às forças da natureza devido à fertilidade e seu papel como reprodutora das espécies. Ela provocava medo no homem, devido aos acontecimentos “inexplicáveis” da maternidade. Esse medo do desconhecido, do ser frágil e ao mesmo tempo forte em conceber uma criança, levou o homem a manter a mulher sob seu controle, garantindo seu poder perante a ela. No ocidente medieval Cristão, a mulher sempre foi associada à figura do demônio que seduz os homens com sua aparência e faz com que eles cometam pecados carnavais.

De acordo com Pedro (1994) “Não possuem classe social, cor ou cultura específica. Nessa relação entre mulher e natureza, elas estejam, maniqueisticamente divididas em boas ou más” (PEDRO, 1994, P.68). Completando essa dualidade entre a identidade feminina, no poema publicado em 1891, no jornal República, elas eram retratadas como completamente más:

A mulher
 Mulher que monstro és tu, tremendo horrível!
 Cobra, víbora, hiena ardida! Fera!
 Cavilosa e falaz como a pantera!
 Como te chamam anjo? Isso é possível? (...)
 (PEDRO, 1994, P.68).

Nesse enredo da vigilância sob a mulher, a construção do papel social do homem foi

¹ Maria, também conhecida como Maria de Nazaré e chamada pelos católicos e ortodoxos de Nossa Senhora, é a mulher israelita de Nazaré, identificada no Novo Testamento e no Alcorão como a mãe de Jesus através da intervenção divina. Um exemplo para outras mulheres, de como ser esposa e mãe, zelosa, cuidadosa e obediente.

intercalada á imagem de machão, dominador, viril e poderoso. Isso foi impregnado na sociedade e transmitido para as futuras gerações, com naturalidade. A mulher passou a “ser do homem”, e, por um longo período, estiveram confinadas ao espaço privado e conseqüentemente ficaram afastadas da educação formal.

Para Certeau_ (2003), o cotidiano significa tudo que é habitual ao ser humano, ou seja, se encontra na vivencia do dia a dia, dessa maneira sabendo que nossa cultura nos instrui muito cedo sobre a diferença entre o masculino (ativo) e o feminino (passivo), ao reproduzir os discursos dos contos de fadas estamos transmitindo, de forma subliminar, como deve ser o comportamento para o universo feminino.

Toda essa vigilância em torno da figura feminina, era necessária principalmente no contexto de resguardar a virgindade, a honra e a felicidade. Caso fosse solteira , a mulher era vigiada para manter essa “qualidade”, pois a pureza dependia da honra de todos da família, o pai, o irmão. Se fosse casada era vigiada pelo marido para garantir a legitimidade da prole.

Era o que acontecia no filme A Bela Adormecida (1959), onde Aurora foi mandada para uma casa na floresta não só para proteção contra a maldição da bruxa Malévola, mas mantê-la afastada dos olhos masculinos. Cinderela mal podia sair de casa, pois não possuía a imagem masculina para representá-la, ficando á deriva da exploração de sua madrasta (mulher), viúva, onde a mulher ou se destacava por sua mansidão e bondade ou pela sua maldade.

As meninas eram vigiadas e trancafiadas para honrar seu “mentor”, e a Disney coloca essa forma de vigilância opressora, como um ato de afeto e preocupação em proteger essas criaturas frágeis e desprovidas de consciência.

O homem, esteve associado à idéia de autoridade devido à força física e poder de mando a ele atribuído, assumiu o poder nas diferentes instâncias sociais. Dessa forma surgiram as sociedades patriarcais conservadoras e inflexíveis e a função da mulher passou a ser centradas nas atividades domésticas e na submissão, de modo direto ou indireto ao homem.

A mulher foi construída como um ser frágil e desprovida da racionalidade. Essa identidade tem sua origem desde a sociedade agrícola e ganhou forças com o patriarcalismo. Essa identidade que foi imposta para as mulheres e foi representada como uma identidade unificada, na qual a dependência para tomar as decisões ficou por conta do homem “o ser racional e ativo”.

Preocupados em marcar as diferenças entre meninos e meninas, a família, a escola e a literatura (contos) apresentaram, desde a infância, padrões normatizadores do comportamento do homem e da mulher, enfatizando que os mesmos não se misturam até a fase do casamento.

Os contos de fadas (que outrora foram transmitidos pela tradição oral) com o apoio dos filmes (ilustrações) tem sido transmitidos há séculos, misturando a realidade com a fantasia, se adequando aos vários momentos históricos e às várias sociedades que os recepcionam. Assim, numa sociedade burguesa, era muito importante que as meninas fossem criadas e educadas para a obediência e submissão.

A educação das mulheres do século XIX para o início do século XX estava resignada às atividades que fossem voltadas principalmente para as questões domésticas, dessa forma tornando-as sem valor para o mercado vigente da época. Era uma forma de manipulação e humilhação a qual elas tinham que vivenciar cotidianamente como se fosse natural, tornando a classe feminina mais dependente aos ideais masculinos.

De acordo com Bourdieu (2005), a dominação masculina seria uma forma de violência simbólica, pois uma sociedade dominada por padrão masculino, o passivo (mulher) está submetido às normas do grupo dominante e não pode se expressar por si mesmo.

Para Simone Beauvoir, a educação feminina no século XIX era vista como formação, uma preparação para as tarefas próprias de condição feminina, reduzindo-se a instrução a aprender a ler, escrever e contar, coser e bordar.

As mulheres não tinham histórias, não podendo, conseqüentemente, orgulharem-se de si próprias[...] Uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isso acontecesse ela deveria submeter-se a um complexo processo no seio da uma construção histórica cujo o espírito determina seu papel social (BEAUVOIR, 2003, P.217).

2.2 Do amargo ao doce? Mudanças culturais no século XIX para o século XX

Após um longo período de opressão e discriminação a passagem do século XIX para o XX foi marcada pelo movimento feminista que ganharia voz e representatividade política mais tarde em todo o mundo na luta pelos direitos das mulheres (o direito de tomar suas próprias decisões sem a interferência do pai, do irmão mais velho ou do marido, se abrindo para um leque de escolhas: casamento, trabalhar no comércio, estudar, entre outras).

O século XIX foi marcado por mudanças para o espaço feminino, tanto na Europa como na América. Elas buscavam direitos igualitários tanto para homens como para mulheres. Para Hall (2005) : O feminismo questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual.

O século XX, foi marcado por grandes mudanças culturais, foi cenário de duas grandes guerras (1º Guerra Mundial (1914- 1918) e 2º Guerra Mundial (1939-1945)), uma guerra fria (1945-1991), a crise de 1929 (crise econômica), grandes impérios europeus perderam seu poder e os Estados Unidos tornou-se potencia mundial. Também foi palco de diversas revoluções culturais, grandes conquistas trabalhistas, raciais e também feministas.

Em 1932, no Brasil as mulheres conquistaram seus direitos nos votos, mas os movimentos feministas começaram a ganhar proporções em 1949, quando foi publicado o livro *O segundo sexo*, da autora Simone Beauvoir, que analisa a condição feminina ao longo da história, veio para dar voz e reconhecimentos às mulheres que foram “esquecidas” pela história.

No Brasil, o patriarcalismo ainda continuavam exercendo sua autoridade nas mulheres e filhos no meio familiar , mas os movimentos sociais na década de 1960, vieram para mexer nas bases desse sistema opressor. As feministas continuavam a afasta-se dos caminhos predominantemente masculino. E os movimentos e lutas contra a discriminação social, sexual e o abuso, só vieram a se destacar e a ganhar repercussão no final da década de 1960 para o início da década de 1970.

O movimento feminista se originou nos Estados Unidos no final dos anos 1960 para tomar as dimensões na Europa, no início da década de 1970 tomando repercussões no mundo inteiro nas décadas de 1980 e 1990. As feministas liberais lutavam pela igualdade nos direitos, envolvendo direito ao trabalhar fora, ter seus salários e educação nas instituições (universidades).

Já as feministas mais radicais, eram representadas só por mulheres, cujo o tema era a proteção da mulher contra a violência masculina, tornando-as as principais adversárias do patriarcalismo.

Mesmo com alguns avanços, ainda no início do século XX, as mulheres sofriam as consequências da discriminação e do status de inferioridade a elas atribuído. O modelo de família norte- americana estava no auge. Nele a figura feminina era imaginada de avental e com bobs no cabelo, no meio da cozinha, envolta por um liquidificador, por um fogão entre outros utensílios domésticos.

2.3 As princesas Clássicas: À espera do príncipe encantado

Nos filmes da Walt Disney do século XX, a figura feminina foi associada a uma ideia de fragilidade que a colocou em uma dependência total do masculino, seja do pai, irmão ou marido, alimentando as construções machistas da sociedade da época. Esse modelo colocou a mulher sobre a tutela do homem, antes (na figura do pai e do irmão) e depois da figura do esposo (casamento).

A mulher viveu na sombra do masculino, o seu papel foi na categoria de coadjuvante na mera procriação e perpetuação da espécie que foi submetida aos caprichos ou desejos do “macho alfa”. No Brasil essa visão preconceituosa e machista da figura feminina foi idealizada e conservada pelo patriarcalismo.

Para Luíza Nagib (2006), a imagem preconceituosa a respeito das mulheres foi construídas através dos séculos, reforçada pela ideologia ou “dogma” dominante patriarcal machista que foi interpretado desde a antiguidade. Para o filósofo grego Aristóteles, as mulheres eram homens incompletos.

As mulheres foram proibidas de sair de casa desacompanhadas, foram obrigadas a casar com quem não queriam, quase não podiam frequentar a escola, eram obrigadas a se vestir da maneira que seu pai ou marido ordenasse, não tinham direito a ter profissão[...]ficando confinadas ao espaço doméstico (NAGIB, 2006, P. 14).

A primeira princesa da Disney Branca de Neve (1937), foi criada no período da Primeira Guerra Mundial, e nos anos de 1930 Branca de Neve seria a representação ideal da mulher para o sociedade da época. Além dos atributos físicos e morais (beleza, gentileza, delicadeza, passividade), a angelical princesa, mostrava interesse nos afazeres domésticos, no primeiro momento cuidando dos castelo (limpeza) e no segundo momento ao cuidar dos sete anões (pequenos homens, bagunceiros) que passavam o dia todo fora de casa (trabalhando nas minas). A imagem abaixo apresenta Branca de Neve² na limpeza da casa dos anões.

² Disponível em : <https://estudosdegenerofgv.wordpress.com/author/yasmimbarbosa/>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.



Figura 1 Cena do Filme Branca de Neve, 1937. Branca de Neve arrumando a casa dos anões junto com seus amigos da floresta (animais).

Na imagem acima, Branca de Neve representa a mulher ideal dos anos 1930, dona de casa, mãe, esposa obediente e sem qualquer desejo de ingressar no mercado de trabalho. O príncipe (marido), se tornaria o protetor da família, que a levaria para o castelo e ela continuaria a desempenhar seu papel doméstico.

A função que foi desempenhada por Cinderela é muito similar ao de Branca de Neve (na continuação dos afazeres domésticos), mas em Cinderela nota-se que não possui nenhuma animação em cumprir as atividades do lar, ela enxerga como uma imposição por parte de sua madrasta. Enquanto Branca de Neve quer encontrar o seu príncipe encantado, Cinderela sonha com bailes e seu príncipe que a resgate das opressão da malvada madrasta.

A imagem a seguir, retirada do filme Cinderella (1950)³, aborda que a adorável princesa, não está muito satisfeita ao limpar a casa, sendo obrigada a trabalhar arduamente nas tarefas de casa.

Analisando a expressão de Cinderela (o seu olhar), ao limpar a casa não se encontra muito satisfeita em praticar essa atividade doméstica, ela prefere estar junto de suas irmãs, escolhendo o vestido para usar no baile.

³ Disponível em : <https://estudosdegenerofgv.wordpress.com/author/yasmimbarbosa/>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.



Figura 2 Cena do filme Cinderela de 1950, lavando o chão de sua casa.

No contexto histórico que o filme foi inserido, o papel da mulher começou a ser modificado. Nos anos 1950, a dona de casa vai sendo substituída de forma lenta pela entrada da mulher no mercado de trabalho. Pois durante a Segunda Guerra Mundial, devido ao grande número homens recrutados para o exército, o mercado de trabalho abriu as portas para o universo feminino.

E com o fim da guerra, os Estados Unidos se tornou a potência mundial e o mundo passou a viver do sistema do capitalismo, desse modo encontrar o príncipe encantado que pudesse assumir o papel do protetor da família, se mostrou uma tarefa difícil, pois o custo de vida aumentava junto com as cargas horárias no trabalho. Mas o desejo de construir a família fazia parte de muitas mulheres da época.

No filme a Bela Adormecida de 1959, as tarefas domésticas não são realizadas pela princesa Aurora, mas pelas três fadas (Fauna, Flora e Primavera). Mas a história apresenta um problema enfrentado por muitas mulheres da época: o casamento por interesses, arranjando por patriarcas da família.

Nos filmes da Disney, as princesas, na fase da infância, já possuem um noivo, como acontece com a princesa Aurora (A Bela Adormecida), prometida desde bebê ao príncipe Felipe. E, por “interferência” do destino acabam se apaixonando antes mesmo de saberem que são estão comprometidos por um “bem maior”: a união dos reinos.

No Filme da Disney a Bela Adormecida de 1950⁴, Aurora ao passear na floresta encontra um rapaz (que não tem conhecimento que é o príncipe Felipe), os dois aos cantarem a canção “*Once Upon a Dream*”⁵(Era uma vez o sonho), se apaixonam. Depois desse primeiro encontro as três fadas (Fauna, Flora e Primavera), revelam para a menina que ela é uma princesa e estava escondida na floresta por causa de uma maldição da bruxa Malévola que lançou um terrível feitiço, que ao completar o décimo sexto aniversário, ela furaria o dedo numa roca e cairia no sono eterno. E que não poderia se apaixonar pelo rapaz misterioso da floresta, pois ela já estava comprometida com o príncipe do reino vizinho.

No dialogo abaixo retirado do filme a Bela Adormecida (1959) , a princesa ao descobrir suas origens da realeza e que já possui um noivo, chora e aceita se casar com esse homem desconhecido, pois era o desejo dos seus pais.

-Fauna: Está amando?
 -Primavera: Oh, não!
 -Flora: Isso é terrível!
 -Rosa/ Princesa Aurora: Porque? Já tenho dezesseis anos.
 -Flora: Não é isso querida.
 -Fauna: você já tem um noivo!
 -Rosa/ Princesa Aurora: UM NOIVO?
 -Primavera: Desde que nasceu!
 -Fauna: O príncipe Felipe.
 -Rosa/ Princesa Aurora: Não posso acreditar! (Chorou)

Nesse Momento, a fala do pai (Rei Estevão) não permitiu a princesa Aurora de se expressar por si mesma, de escolher com quem queria casar, suas angustias, anseios foi privado da liberdade de expressão. Ao contrário no diálogo Abaixo, onde o Príncipe Felipe enfrenta seu pai o Rei Umberto, enfatizando que iria se casar com quem fosse do seu agrado.

-Príncipe Felipe: Eu já encontrei a princesa.
 -Rei Umberto: A princesa Aurora? Para a graças, vamos ver o rei Estevão.
 -Príncipe Felipe: Eu não disse que foi Aurora!
 -Rei Umberto: Sim, mas certamente você me disse, que a moça...
 -Príncipe Felipe: Que a moça com quem VOU me casar, não sei quem é. É uma camponesa eu acho!
 -Rei Umberto: HÃ? UM CAMPONESA? Você está brincando...Não está? Não faça isso comigo, largar o trono, o reino, por uma ninguém? NÃO PODE! NÃO DEIXAREI!. Você é um príncipe e só vai casar com uma princesa.
 -Príncipe Felipe: Ah, papai não viva no passado, esse é o século XIV. Hoje em dia...
 -Rei Umberto : Hoje em dia, eu sou o rei. E eu ordeno que esqueça todos os seus sonhos.
 -Príncipe Felipe: Me caso com quem AMO. Adeus papai.

⁴ Filme A Bela Adormecida (1950). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f9uz5y7rg-k>. Acesso em Janeiro de 2015.

⁵ Música do filme da Walt Disney, A Bela Adormecida de 1950. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2zbzRbsD-rY> . Acesso em 18 de setembro de 2015

Um breve olhar nos faz perceber que a Disney representou dois tipos de amor, o amor Arranjado⁶ (amor cortês), onde o casamento era a base da perpetuação do título (na fala do rei Umberto, para seu filho: um príncipe só casa com uma princesa). E o amor romântico, por parte do lado “irracional e emocional” (mulher), ela conseguiu fazer seu príncipe se apaixonar, virando um vínculo emocional duradouro.

O casamento, enquanto ritual, marcaria a origem de uma nova família, na qual a mulher assumiria o papel de mãe, passando das mãos do seu pai para as do seu noivo. Após seu primeiro ciclo menstrual, já estava apta a se casar e deixar a casa do seu pai para morar com seu futuro pretendente, escolhido pelo pai da noiva, por interesses financeiros. Principalmente se fosse da classe burguesa, na qual o matrimônio, assim denominado de casamentos “arranjados”.

2.4 As princesas Contemporâneas : corajosas, obstinadas e independentes

Nas histórias reproduzidas pela Walt Disney no início do século XXI, as princesas de aparências frágeis e delicadas vão sendo substituídas pelas mulheres determinadas, que tem voz ativa e que decidem por si só como trilhar o seu caminho. Os mecanismos da fala ativa e papel primário (como personagem principal) vão ser atribuídos a elas, juntamente com uma atitude de protagonistas da sua própria história. De acordo com Hall (2005):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia [...] Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade [...] de identidades possíveis (HALL, 2005, P13).

Na citação de Hall (2005), o pensamento de uma época pode influenciar o processo de formação da identidade e pode ser observado nas narrativas. Os contos de fadas vão assumir diferentes identidade possíveis, refletindo um pensamento do momento histórico. Assim como vai acontecer nas identidades femininas do século XXI, representadas nos filmes da Disney: as princesas não esperam mais o príncipe encantado e nem ficam de braços cruzados, elas são donas do próprio destino, assumindo o papel de salvadoras para aqueles que elas amam.

⁶ Muitas das vezes o casamento significava a celebração de um contrato entre os noivos, estipulando os direitos de cada um. A herança e a propriedade eram os principais motivos que fundamentavam estes casamentos arranjados.

No filme Valente (em inglês Brave)⁷ de 2012, a princesa Mérida, observar o casamento por conveniência e a dependência que ela teria da presença do masculino (marido), como não aceitável e a se rebelar contra as regras de convivência impostas pela sociedade.

Merida se apresenta como uma guerreira, pronta para lutar e defender suas ideias. Conhecida por seus cabelos vermelhos e despenteados, além de possuir uma personalidade forte e dominante, sua redenção vai ocorrer através de sua mãe, a Rainha Elinor que, no decorrer do filme, tenta transformar Merida em uma “dama” através de padrões de comportamento normatizados pela sociedade.

Cansada dos discursos da mãe, a princesa, ao encontrar uma bruxa da floresta, pede um feitiço para pôr fim às opressões causadas pela rainha, transformando sua mãe em um urso. Valente, ao lado de sua mãe, irá lutar pela quebra desse feitiço e, no final, sua redenção ocorre pela compreensão e respeito: a rainha deixa sua filha trilhar seu destino sem as interferências do meio social.

O nome do filme Brave, é uma mensagem, para mostrar como os discursos se modificaram, Merida pode ser uma princesa do período da Idade Média com suas vestimentas nobres, mas seus discursos e a formas de pensar, são de uma mulher do século XXI, que defende a igualdade para ambos os sexos.

O primeiro diálogo aborda as transformações do modo de pensar do meio masculino (pai, rei Fergus), Merida desde criança aprendeu a lutar, caçar e defender seu ponto de vista.

-Rainha Elionor: Merida! Uma princesa não coloca suas armas em cima da mesa!

-Merida: Mãe! É só o meu arco.

-Rainha Elionor: Uma princesa nem deveria possuir armas na minha opinião.

-Rei Fergus: Deixa ela! Princesa ou não, aprender a lutar é essencial.

No diálogo, seguinte durante o jantar, a Rainha Elionor (mãe) informar a Merida, seu dever de casar e se dedicar a vida doméstica, deixando de lado, suas aventuras (cavalgar, praticar o arco-flecha, caçar) e desejos de ser uma mulher independente.

-Rainha Elionor: Os lordes vão apresentar seus filhos, como pretendentes para o seu noivado.

-Merida: O que?

-Rainha Elionor: Os clãs aceitaram.

-Merida: PAI!

-Rei Fergus: O que? Eu...você...ela...Elionor!

-Rainha Elionor: Francamente Merida! Eu não sei porque você está agindo assim!

-Merida: Mãe...

-Rainha Elionor: Este ano, cada clã irá apresentar um pretendente para competir nos jogos, pela sua mão.

⁷ Filme Brave. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=Gzjds2yjRjE>. Acesso em janeiro de 2015.

-Merida: EU ACHEI QUE UMA PRINCESA SÓ CUMPRISSE ORDENS!
-Rainha Elionor: Uma princesa nunca levanta a voz. Merida foi para isso que se preparou para toda a sua vida!
-Merida: NÃO! Foi para isso que você me preparou toda a minha vida. EU NÃO VOU ACEITAR ISSO! NÃO PODEM ME OBRIGAR!

Nesse momento, Merida dialoga diretamente com as ideias de sua mãe, não aceitando o casamento por conveniência. Após essa discussão, quando os pretendentes, que são os príncipes dos reinos vizinhos se encontram na arena, tentando acertar a flecha no alvo, e assim ganhar a mão da noiva prometida. Merida, toma a iniciativa de lutar pela sua liberdade, mostrando que é uma experiente arqueira e não precisa de um marido para defendê-la ou representá-la. Desse modo, a sua mãe afirma que ela desonrou e humilhou os possíveis noivos. Uma mulher não poderia ser uma guerreira e nem possuir o domínio de manipular uma arma melhor que o homem.

Na imagem abaixo, retirada do filme Brave (2012), Merida ao confrontar os Lordes que lutavam pela sua mão, mostrando que era boa no arco e flecha, expondo sua vontade de não possuir nenhum interesse no casamento. Seu desejo era cultivar a liberdade, fortalecer seus laços com seus familiares, ao invés de depositar sua felicidade em um relacionamento amoroso.



Figura 3 Cenas do filme Valente, 2012⁸

⁸ Disponível em : <https://nextconqueror.wordpress.com/2012/09/11/resenha-valente/> .Acesso em fevereiro de 2016.

Podemos perceber as expressões de surpresa dos lordes, não acreditando que uma mulher poderia manejar um arco melhor que um homem, a única que não aprovou o comportamento da jovem princesa foi sua mãe (a rainha que se encontra de vestido verde), que pela expressão do rosto, Merida irá receber um severo castigo e um longo discurso de como uma princesa deve ser portar diante a nobreza.

As heroínas do século XXI, como Valente, Frozen e Malévola podem até começar com a esperada frase “Era uma Vez”, mas o seu final “e foram felizes para sempre”, se modificou e marcou a nova trajetória da construção da nova identidade feminina (voz ativa), e também transformou a educação das meninas, que sonham em vez de se tornarem princesas delicadas, preferem as princesas guerreiras, autônomas.

O resgate do feminino vem ocorrendo aos poucos, mas de forma constante. Podemos observar isso, nas crescentes adaptações do cinema e também por parte do público, as meninas ficam em êxtase com as novas princesas.

Nessas novas releituras dos contos de fadas, as personagens principais encontram sua redenção no amor, não por meio de um homem (príncipe), mas através de outra figura feminina (irmã, mãe).

Frozen⁹, outro conto fabricado pela Walt Disney no século XXI, tem como personagens principais as duas irmãs: a Rainha Elsa e a Princesa Anna. Na trama uma vai depender da força da outra para que o seu reino não seja destruído. A rainha Elsa, que tem o domínio sobre o gelo, acaba congelando, por acidente, sua irmã. Como nas histórias “tradicionais”, só um amor verdadeiro é capaz de livrá-la da maldição. Mas, ao contrário do padrão anteriormente construído, em Frozen esse amor não está atribuído a um príncipe (à figura masculina), e sim à própria Elsa, que “descongela” o coração da sua irmã com o abraço maternal.

Na imagem abaixo, retirada do filme Frozen, uma Aventura Congelante (2013), relata o enredo do amor verdadeiro, não de homem/ mulher, mais se encontra na forma do amor fraterno. Elsa representou a rainha da Disney, que não possui marido, o que se remeteu ao papel social da mulher na atualidade, a ausência da figura masculina e ela se coloca como figura independente.

⁹ Filme Frozen. Disponível em [:https://www.youtube.com/watch?v=LQTDg05eNBs](https://www.youtube.com/watch?v=LQTDg05eNBs). Acesso em janeiro de 2015.



Figura 4 Cena do filme Frozen, 2013. A rainha Elsa abraçada a sua irmã Anna, depois de ela se tornar uma estátua de gelo ¹⁰

O filme Malévola¹¹, produzido em 30 maio de 2014 nos Estados Unidos, conta a história na perspectiva da “Vilã” que de mal só tem o nome mesmo. Após ser traída (Malevóla acreditava ter o amor do Rei) e ter suas asas roubadas pelo Rei Stevan (o masculino é construído como o mal - ambicioso, egoísta) .

Malévola lança uma maldição sobre Aurora (filha do Rei). Ela, ao longo da trama, assume um papel próximo ao maternal: protetora de Aurora, uma mulher guerreira que irá lutar contra as ambições do Rei. No final sua redenção se dá não pela figura masculina, mas por ela própria e por seu amor por Aurora.

Na imagem abaixo, retirada do filme Maleficent (2014), mostra a mesma trama de Frozen, mulheres valentes, que se tornam a salvação para aqueles que amam. Malévola ao longo da história, acaba criando um vínculo (mãe) com Aurora, arrependida de ter lançado a maldição da princesa acorda com um beijo de amor verdadeiro. Achou o príncipe da floresta para quebrar a maldição com um beijo, que diferente do primeiro filme a Bela Adormecida

¹⁰ Disponível em : <http://pixhder.com/frozen+scenes+anna> .Acesso em fevereiro de 2016.

¹¹ Filme Malévola. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=ExZ9qnCac6g>. Acesso em Janeiro de 2015.

(1959), o beijo do príncipe não teve efeito. Restante o seu beijo de despedida em Aurora, que para a surpresa fez despertar a jovem princesa.



Figura 5 Cena do filme Malévola, 2014. O beijo de amor verdadeiro, um amor fraterno. Acaba despertando a princesa ¹²

As ambições e traições estão presentes em Frozen, onde a princesa Anna, em um primeiro momento acaba se apaixonando pelo o príncipe Hans, das Ilhas do Sul, já que enxerga nele um refúgio para se livrar da indiferença da sua irmã (que esconde um segredo: o poder do gelo e por isso se isola). Ao ser atingida pelo poder de sua irmã Anna recorre ao Príncipe Hans para que ele lhe dê um beijo de amor verdadeiro e lhe livre da maldição. O que deveria ser um final feliz se torna sua maior decepção, pois o Hans revela suas reais intenções: Ele nunca a amou, só iria se casar com ela para ter o domínio do reino de Arendelle. Este momento da trama desconstrói os finais felizes dos contos de fada analisados no início deste texto, propondo outras alternativas para a felicidade.

Em Malévola e em Frozen os discursos acabam se modificando. O masculino (a parte que tomava sempre as decisões corretas), que respondia com atributos baseados na lógica, objetividade, capacidade de exercer o poder e controlar as situações se transforma no grande mal. Nestes contos, se não tivesse a interferência da personagem feminina, os reinos (das fadas e da humanidade) acabariam destruídos e os súditos vivendo nas opressões pelas ganancias dos reis.

¹² Disponível em: <http://divulgantemorte.blogspot.com.br/2014/11/o-filme-recomendado-de-hoje-malevola.html>
Acesso em fevereiro de 2016.

Os contos de fadas da Disney do século XXI possuem uma forte influencia feminista, pois construíram espaços em que as mulheres tinham papéis não mais secundários, mas primários, como Malévola, Elsa e Anna e a Merida. O feminino é apresentado como corajoso, inteligente, atuante e com poder decisório. A maldade, por sua vez, não está presente apenas no espaço feminino, mas também no masculino, se temos bruxas, também temos ogros. As princesas modernas não mais precisam resgatadas ou ficar “dormindo” à espera do príncipe encantado. Segundo Bruno Bettelheim, “Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo toda a vida” (BETTELHEIM, 1980, P. 208-209).

3 Capítulo II - Breve Histórico: contos de fadas e público infantil

Os contos de fadas fazem parte da imaginação e da vida das crianças, entrelaçando o mundo imaginário ao mundo real, por isso temos um conto de fadas na ponta da língua e somos capazes de reproduzi-los, sem necessariamente ter um livro em mão, tamanha familiaridade que temos com essas histórias.

Mas já paramos para pensar o que é um contos de fadas? E qual a sua função ou contribuição para a sociedade? Sabendo que todo discurso não é neutro, carrega consigo um lição de moral ou um dogma que deve ser seguido, é o que está presente nos contos da fadas de forma sutil. Nelly Novares Coelho, autora especializada nas literaturas contemporâneas brasileiras e portuguesas, pesquisadora e crítica literária, afirma que tais obras :

Antes de perpetuarem como literatura infantil, foram literaturas populares. Em todas elas havia a intenção de “passar” determinados valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados ao comportamento de cada indivíduo (COELHO, 2006, P. 36)

Os contos de fadas pertencem ao gênero maravilhoso e tem como característica sua natureza sobrenatural e seu desafio á razão e ás leis gerais. O mundo das fadas é povoado de seres sobrenaturais e elementos de encantamento (mágicos).

Por esse motivo os contos de fadas ou contos maravilhosos são uma variação de fábulas¹³, e costumam ser nosso primeiro contato com a literatura. As fadas emocionam, divertem, criam suspense, acabam mexendo com os sentimentos mais primitivos do indivíduo. Nele a existência do bem e mal fazem parte da vida humana, possibilitando a percepção dos problemas (a constante luta do bem contra o mal).

Segundo BETTELHEIM (2002, p.14) “A maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida, assim, eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”. Desse modo, os contos eram os relatos dos fatos da vida das pessoas, recheado de aventuras, conflitos e pornografias, só servindo apenas para o entretenimento momentâneo.

¹³ As fábulas (do Latim fabula: história, jogo ou narrativa), são composições literárias curtas, escritas em prosa ou versos em que os personagens são animais que apresentam características antropomórficas, muito presente na literatura infantil. As fábulas possuem caráter educativo e fazem uma analogia entre o cotidiano humano com as histórias vivenciadas pelas personagens, essa analogia é chamada de moral e geralmente é apresentada no fim da narrativa.

Transmitido oralmente, o herói ou a heroína tem que enfrentar grandes obstáculos antes de vencer o mal. Por ter sua origem, no primeiro momento na tradição oral e depois na escrita (livros), muitos contos foram recebendo novos elementos, fazendo surgir diversas versões, mas tendo um único foco: a preocupação em transmitir valores e os comportamentos, tanto para homens (meninos) quanto para mulheres (meninas).

As estórias infantis têm suas raízes na oralidade popular e vêm sendo contadas de uma geração a outra, constituindo-se em um importante mediador cultural. Assim como a Literatura percorreu um trajeto que a levou da oralidade à escrita, a literatura destinada às crianças percorreu caminho idêntico (COELHO, 2006, p. 21-22).

Para Patrícia Oliveira (2010), Os contos de fadas tem como elemento principal, *Fada*, a origem dessa palavra vem do latim *Fatum*, que significa fatalidade, destino, oráculo. O termo *Fada* era a idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, dotada de poderes sobrenaturais, que interferir na vida dos homens para auxiliá-los em situações de grandes obstáculos, quando tudo pareceu estar perdido, a fada realizava o conhecido “E viveram felizes para sempre”.

A mulher não foi apenas representada como um ser bondoso, ela possuía o lado obscuro, a representação do mal, em forma de bruxa. A dualidade feminina passou a ser representada como a fada e a bruxa.

Não há dúvida que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensageira de Outro Mundo ou surge sob forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte (COELHO 2006 p.79).

São histórias que possuem uma estrutura fixa, geralmente divididas em três partes, como o “problema”, a “solução” para o conflito e, por fim, a “restauração da ordem”. Os contos de fadas, partem de um problema (carência afetiva, conflitos entre mãe e filha), que desequilibra a tranquilidade inicial.

O desenvolvimento da história (busca da solução do conflito), no plano da fantasia, tendo a introdução ou o apoio moral dos elementos mágicos, como as fadas, bruxas, gigantes, sereias, anões e outros. A finalização ou restauração da ordem se dá no final das narrativas, quando o bem triunfa sobre o mal e volta à situação de tranquilidade.

3.1 Os autores dos contos maravilhosos

Vários autores ficaram conhecidos pela construção e propagação desses contos, como Charles Perrault, escritor francês do século XVII, ele nasceu em 12 de janeiro de 1628 e faleceu em 16 de maio de 1703, e publicou uma coleção de contos de fadas em 1697. Com o título *Contos do Tempo Passado com moralidades ou Histórias*, embora tenha ficado

conhecido por seu subtítulo, Contos da mamãe Ganso. Seus contos mais famosos são, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de botas, Cinderela, Pelo de Asno, O Pequeno Polegar, O Barba Azul, A Bela Adormecida e As Fadas.

Uma das características de seus contos, além dos elementos maravilhosos, é a presença da moralidade, no final de cada conto ele escrevia uma prosa rimada onde colocava uma lição de moral, buscando perpetuar os valores da burguesia. Se por um lado foi um dos primeiros a se interessar pelos contos populares para o público infanto-juvenil, trazendo a moral da história. Por outro lado, conservou a crueza dos contos originais.

A exemplo dessa “crueza” nos contos, na versão de Charles Perrault A Bela Adormecida, por exemplo, a princesa desperta quando o príncipe a encontra, e apaixonados, acabam se casando e tendo dois filhos (a menina chamada de Aurora e o menino de Dia). Seu amado, sai a uma caçada (atividade ou jogo dos membros da burguesia), deixando a princesa e seus filhos aos cuidados de sua mãe ciumenta. A rainha, descendente de ogro e tendo tendências canibais, manda o cozinheiro matar os três (princesa e os filhos), e servir como refeição. O cozinheiro se compadece da situação da princesa e engana a majestade com carne de animais. Por fim a rainha com vergonha de enfrentar seu filho, suicida-se ao saltar no tanque repleto de sapos, serpentes e víboras.

Para José Júnior (2015), desde o século XX a infância se tornou objeto de investigação de diferentes campos de conhecimentos, como o direito, a pediatria, a assistência social, psicanálise e outros. No século XVII os contos não foram elaborados para o universo infantil, prevalecia a ideia de que a criança era vista como um “adulto em miniatura”. Por esse motivo nos contos de fadas, não existia a ideia de “inocência” dos personagens. Eram contos violentos, em que estava presente as atrocidades cometidas pelos sujeitos, como o estupro, o assassinato, o roubo, de forma explícita. Não existia a ideia de “pudor” ou separação das narrativas para adultos e crianças.

Apesar de Perrault ser o primeiro a se interessar em registrar as histórias no papel dito como contos populares, foi com os Irmãos Grimm (Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade, essa que, gradativamente, tomou proporções globais), mais de cem anos depois da publicação dos *Contos de Mamãe Ganso*, que os contos de fadas começaram a ganhar mais notoriedade. Eles adaptaram vários contos que Perrault também havia publicado, tornando- os mundialmente famosos. Como por

exemplo A Bela Adormecida dos Grimm, publicada em 1812, com o título original , *A Rosa dos espinhos*¹⁴.

Na versão dos Grimm, A Bela adormecida é encontrada deitada e era tão linda que o príncipe não conseguia despregar os olhos; inclinou-se e deu-lhe um beijo. Com aquele beijo, a Bela Adormecida abriu os olhos, despertou e fitou-o sorrindo amavelmente. Ele tomou-a pela mão e juntos desceram à sala; então o rei, a rainha e toda a corte despertaram também, olhando-se pasmados uns aos outros. Depois, realizaram-se com grande fausto as núpcias do príncipe com a Bela Adormecida, os quais viveram muito felizes até o fim de sua vida.

Outra contribuição para a maior visibilidade das histórias infantis ocorreu através da *The Walt Disney Company*, empresa multinacional fundada em 16 de outubro de 1923, pelos irmãos Walt Disney e Roy Disney, que estabeleceu-se como pioneira na indústria de animação antes de diversificar seus produtos para filmes em *live-action* (transmissão ao vivo nas redes de televisões), e parques temáticos.

Os estúdios da Disney são responsáveis por criarem, no cinema, grandes clássicos, como *Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela* e *A Bela Adormecida*. As suas versões cinematográficas dos contos, deram um novo sentido à imaginação, trazendo os personagens no modo visual, dando características como a cor do cabelo, as vestimentas, sapatos. Além do leitor escutar as narrativas e analisar as imagens dos personagens, agora poderia ver as princesas em ação, em movimento, de uma forma até então não utilizada.

No portal da Disney¹⁵, Walt Disney nasceu em Chicago em 5 de dezembro em 1901 e faleceu no dia 15 de dezembro de 1966, aos 65 anos em Los Angeles, Califórnia. Seu corpo foi cremado e suas cinzas estão no Forest Lawn Memorial Park, Glendale. Morreu antes da inauguração do parque Walt Disney World, na Flórida.

Foi um produtor cinematográfico, cineasta, diretor, roteirista, dublador, animador, empreendedor e filantropo. Tornou-se conhecido, nas décadas de 1920 e 1930, por seus personagens de desenho animado: o Mickey Mouse e Pato Donald. Ele também foi o criador do parque temático sediado nos Estados Unidos chamado Disneylândia, além de ser co-fundador da cooperação de entretenimento conhecido como The Walt Disney Company.

Walt Disney para o seu público (fãs) transformou-se numa lenda, tendo criado, com a ajuda de sua equipe, todo o universo de referências no imaginário infantil para sucessivas gerações. O lema de Disney sempre foi “*keep moving forward*” (“Continue seguindo em

¹⁴ Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_\(conto\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_(conto)). Acesso em 5 março de 2015.

¹⁵ Portal do site da Disney. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Disney>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

frente”). Seus 65 anos de vida foram mais que suficientes para ele se tornar um ícone de cinema de animação, com suas inúmeras produções e inovações. No site da Disney, Walt Disney recebeu, ao longo de sua vida, 48 *Oscars* e 950 menções honrosas.

A contribuição da Disney foi trazer a amenização dos contos, dedicados exclusivamente ao público infantil, as situações sempre acabavam em “E viveram felizes para sempre”. Atualmente, suas histórias e filmes não encantam exclusivamente as crianças, mas estão presentes também no universo adulto.

3.2 O público Infantil: um novo olhar e diferentes versões

A infância faz parte da construção histórica, o mundo da criança nem sempre existiu e por muito tempo não houve a separação entre o mundo infantil e o mundo adulto, este se resumia em apenas um. De acordo com José Júnior (2015), “Contudo, em si, a infância é marcada por esta condição de mudez. É este o impasse: falar sobre um objeto mudo” (JÚNIOR, 2015, P. 11).

Então a infância é dita pelo olhar do outro, a fala do adulto, as crianças eram vestidas e tratadas como um adulto em miniatura, viviam sob constante regras e etiquetas. O sentimento de infância, para José Júnior (2015), ganhou notoriedade a partir do século XIX, a infância passou a ser objeto de investigação dos pesquisadores.

Na década de 1960, o historiador e medievalista francês Philippe Ariès lançou na França e nos Estados Unidos, o livro *História Social da Criança e da Família* (L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime), foi o primeiro a estudar a infância enquanto objeto histórico.

De acordo com José Júnior (2015), “A tese principal levantada por Ariès é a de que a infância, ou melhor, o “sentimento de infância”, não existia até a Idade Média. “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância naquele mundo” (JÚNIOR, 2015, P. 23).

A partir do século XVI e durante o século XVII, os costumes começam a mudar, tais como o modo de vestir, a preocupação com a educação, bem como a separação das crianças de classes sociais diferentes. Toda essa preocupação e cuidado com o comportamento das crianças, está ligada ao modelo de civilidade, isso significa dizer ligado às boas maneiras e regras de etiqueta.

Os contos se tornaram o principal meio de perpetuação para se chegar ao civilizado, seguindo as regras da sociedade. Segundo Bettelheim (2002), os contos são significativos pois

ajudam a lidar com os problemas referentes ao desenvolvimento infantil, além de estimular a criatividade e a imaginação.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2002, p. 20).

Salientando que o sentimento de infância, na maioria das vezes vai estar reservado apenas para a elite, que dispunha de tratamentos diferenciados como educação, saúde e cuidado com os filhos. A classe pobre, não poderia gozar desse luxo, pois assim que suas crianças logo conseguissem se mover sozinhas, os ajudavam nas tarefas e nos trabalhos.

Segundo Mary Del Priore (2008), a criança não era detentora dos direitos específicos às suas individualidades, principalmente no Brasil Colônia e Imperial, onde a infância vai ser dividida em duas categorias, a criança da elite e a criança pobre.

A educação feminina, iniciada aos sete anos e terminada na porta da igreja, aos quatorze, supervalorizava o desempenho feminino na vida social. É o que ocorre com as princesas das Disney, Branca de Neve, Bela Adormecida, e Cinderela (mesmo não sendo princesa, faz parte da classe burguesa), na corte Imperial, das meninas da alta sociedade exigia-se a perfeição no piano, destrezas em línguas inglesas e francesas, habilidades no desenhos, além de bordar, tricotar entre outros.

No Brasil, a moça de boa formação, uma moça prendada é aquela que com um pouco de música e francês, sabe dançar um solo inglês, fazer crochê e conhecer a difícil arte de descascar com gosto uma laranja (PRIORE, 2008, P.154).

Tanto em termos de educação como de instrução, meninos e meninas eram tratados de formar distintas. Para os príncipes (meninos), a sua base educacional se dava através de sua inteligência, virtude e masculinidade. Desde os sete anos no Brasil Imperial, a educação dos filhos varões era ministrada apenas por homens.

A ficção dos contos estão atrelados com a realidade, as rivalidades que começam no seio familiar, como desentendimentos entre pais e filhos ou entre irmãos, presentes nos contos de fadas da Disney, Branca de Neve com a sua madrasta, que tentou matá-la por conta da vaidade excessiva da rainha invejosa, Cinderela é explorada pela madrasta e suas duas meias-irmãs, Valente e sua mãe Elionor, que tentou a todo custo dirigir a vida da filha. Elsa e Anne (Frozen), que como irmãs se divergem nas ideias.

Ao analisamos os contos de fadas, geralmente a infância vai estar “ presente”, para a nobreza, as princesas e príncipes são da realeza, e se tornam instrumentos de manipulação nas mãos dos adultos. A infância não será reconhecida e nem praticada por todas as crianças, a

exemplo da princesa Aurora do filme a Bela Adormecida de 1959 desde seu nascimento (bebê) já era noiva do príncipe; Branca de Neve aos quatorze anos (na fase juvenil) além de trabalhar limpando o castelo (trabalho infantil), casou na fase da adolescência com o príncipe.



Figura 6 cena do filme Cinderela (1950) , foi a primeira a ser mostrada como uma garotinha, no clássico da walt Disney¹⁶

A imagem acima, presente no filme *Cinderela de 1950*, mostra como eram as vestimentas das crianças, as meninas de família nobre usavam vestidos ricamente enfeitados. Nota-se que Cinderela se veste como uma adulta, o filme foi lançado nos anos de 1950, as roupas femininas tinham como características, os vestidos chamados “balões, o seu comprimento era na metade da altura da panturrilha, repleto de anáguas¹⁷ e coloridos.

De acordo com Mary Del Priore (2008), “Não existia uma roupa voltada para o adolescentes, mas com 12 anos os meninos começavam a largar as calças e as meninas encompridavam vestidos, assumindo gradualmente a maneira de se vestir dos adultos”.

¹⁶ Site Tags Disney. Disponível em: <http://www.tagsdisney.com.br/2014/11/princesas-disney-guia-especifico.html> . Acesso em 22 de novembro de 2015.



¹⁷ Anáguas é uma peça de roupa para ser usados sob outra saia ou vestido. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2010/09/lingerie-historica-parte-3-petticoat.html>. Acesso em 05 de março de 2015.

Em de 2012 a 2014, o sentimento de infância passou a ser reconhecido, a criança é detentora do seu espaço, existindo o tempo para brincar (fase infantil) e o tempo para começar a conhecer suas responsabilidades (fase adolescência à adulta). Os filmes produzidos pela Disney (Brave, Frozen e Malévola), do século XXI, mostra que a infância das princesas foi mais flexível do que as princesas do século XX (Branca de Neve Cinderela e Aurora), quanto às regras impostas a elas por serem da classe elitizada.

Na primeira imagem do filme Brave (2012)¹⁸, mostra como a princesa Merida se comportava na fase infantil, sua principal brincadeira era praticar o arco flecha. Na segunda imagem ¹⁹, mostra o momento de afeto entre mãe e filha.



Figura 7 cena do filme Valente, 2012. A princesa na fase infantil com o seu arco e depois no colo de sua mãe, a rainha Elinor

O filme Brave, se inicia com Merida brincando de esconde- esconde com sua mãe Elinor, no dia do seu aniversário, que foi presenteada com o arco por seu pai, o rei Fergus. A sua mãe se opôs, mas seu pai lhe deu dicas de como manusear corretamente o arco. A infância da princesa foi acompanhada de perto por seus pais, repleto de brincadeiras, cumplicidade, até Merida atingir a adolescência e começar a tomar as próprias decisões, escolhendo se queria

¹⁸ Merida quando criança. Disponível em: http://pt-br.disneyprincesas.wikia.com/wiki/Princesa_M%C3%A9rida. Acesso em 05 de março de 2016.

¹⁹ Merida com sua mãe. Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/8d/d2/8e/8dd28e1df828ef7fef5d6882097ed1eb.jpg> . Acesso em 05 de março de 2016.

casar, como se vestir, ocasionando discussões com sua mãe, que tentava fazer da princesa uma mulher perfeita para o casamento.

A utilização dos contos como mediadores do aprendizado infantil, foram uma estratégia usado pelos adultos como uma forma de transmitir os padrões normalizadores exigidos pela sociedade do século XX, a rigorosidade na educação, na separação entre papéis femininos e masculino, presente de forma sutil no século XXI.

O papel dos contos, além de repassar as histórias encantadas, tinha como meta a preparação da criança em enfrentar problemas que existem no mundo real, a exemplo do conto de Cinderela que com paciência, soube superar as maldades da madrasta e irmãs. De acordo com Bettelheim (2002), “Em nível aberto a história ajuda a criança a aceitar a rivalidade fraterna como um fato de vida comum e promete a ela que não precisa temer, destruir-se por isso; ao contrário, se as irmãs não fossem tão sórdidas ela nunca poderia triunfar com a intensidade que o faz no final”.

Por essa razão, os contos de fadas passaram a ser um recurso importantíssimo para o desenvolvimento da crianças, principalmente a criatividade, imaginação, a oralidade , usados como processos de aprendizados em qualquer época da vida da criança.

4 Capítulo III - As princesas da Disney e o mito da aparência e corpo perfeito

A Disney é conhecida por revelar um encanto que envolve pessoas do mundo inteiro, mesclando a realidade e ficção de uma forma sutil. Colocando como estrelas principais as princesas, figuras que despertam o imaginário infantil com sua beleza, seus vestidos elegantes e castelos luxuosos. Se tornando um padrão a ser imitado por muitas meninas, que queriam fazer parte do manual de etiqueta de como ser uma princesa, cuja a regra principal é ser bela.

Esse capítulo vai explorar o fascínio os estereótipos de belezas que foram representados pela Disney, no período de 1937 à 1959 onde foram criadas três princesas que representava como devia ser fisicamente a mulher ideal, são elas; Branca de Neve, A Bela Adormecida e Cinderela. Além da beleza imaginável elas são doces, compreensivas, delicadas, amigas dos animais e possuem uma personalidade passiva.

Segundo Georges Viagarello (2006), em História de Beleza, a passagem do século XIX para o XX, foi marcada pelo padrão de beleza denominado “frágil”, no qual a mulher, além de ser voltada para os afazeres domésticos (cuidar do marido e filhos), tinha como função manter-se bela.

As princesas angelicais, foram substituídas pelas novas princesas do século XXI (2012 à 2014), que além de não possuírem uma beleza cobiçada e invejada, são impertinentes, rebeldes e independentes. Entra em cena a princesa Merida, com seus cabelos ruivos, volumosos e bagunçados, que pela primeira vez mostrou como é chato ser princesa e ter que estar sempre impecável. Assim como a rainha/fada Malévola, a rainha Elsa e a princesa Anna, não se destacam por sua aparência e fragilidade, mas sim por seu carisma e audácia ao enfrentar os problemas com um toque de “humor” e determinação.

Um fator relevante para ser colocado em pauta é, se a beleza está nos olhos de quem vê, porque as mulheres ao longo dos anos não estavam satisfeitas com sua imagem refletida no espelho? Devido às transformações na sociedades (a influência da mídia, das modelos e atrizes famosas), o sinônimo de belo, ao longo do século XX e início do século XXI, foi o esbelto (corpo magro) com face sempre assimétrica (rosto delicado).

Essa ditadura da “magreza” foi representada como característica das princesas da Disney, o termo denominado beleza, sempre foi inatingível para a maioria das mulheres. Além de explorar esse fascínio pelo objeto de consumo, que é a beleza das princesas ao longo dos anos através dos resumos dos filmes da Disney, conheceremos as características físicas, personalidade das três princesas clássicas e das quatro princesas modernas.

4.1 O Ideal de beleza do século XX

A existência de um padrão de beleza não é algo novo e ao longo dos anos, as formas femininas tem sido moldadas das mais variadas formas (de um corpo muito curvilíneo a um copo excessivamente magro), essas transformações foi relacionada aos fatores culturais (vai depender da época, da cultura de cada povo) e históricos. O ideal de beleza é muito relativo.


Na pré-história, o conceito de beleza era ligado a uma questão de reprodução, mulheres de seios fartos e quadris largos eram as preferidas, pois passavam a ideia que geravam filhos fortes e saudáveis, a exemplo da Mulher de Willendorf²⁰.

Mas o que foi considerado bonito ontem pode não ser considerado bonito hoje, o início do século XX foi marcado pela Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918), que foi a grande responsável pela mudança no modo de pensar da humanidade, e a mudança das mulheres em assumir novos papéis (ingressar no mercado de trabalho) o que fez seu vestuário mais prático e adequado à rotina das fábricas (BREDER, 2013).


Nos anos de 1920, com o fim da guerra, a mulher começou a ter mais liberdade, os comprimentos dos vestidos subiram até os joelhos, foi um grande espanto para a época, pois foi a primeira vez na história do Ocidente que as pernas femininas foram vistas em público. Mas o padrão de beleza era mais próximo do corpo masculino, sem muitas curvas, um corpo pequeno e reto como uma “tábua de passar roupa”, o peito reto era o auge.

A década de 1920, possibilitou à mulher uma maior liberdade no seu visual, e o padrão de beleza foi definido pelo corte Chanel²¹. Os cabelos longos foram substituídos por cabelos retos, curtos na altura da orelha, tendo como charme uma franja. A maquiagem se tornou forte, com olhos bem marcados com sombras escuras, sobrancelhas finas pintadas de lápis, lábios desenhados em forma de coração (para dar a impressão de uma boca pequena), destacado por um batom vermelho.



20  Mulher de Willendorf : a estátua esculpida há mais de 22 mil anos retrata o corpo ideal da mulher. Disponível em: <http://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.



21  O Corte Chanel, surgiu em 1918 e foi criado pela estilista Coco Chanel. A história conta que a francesa queimou o cabelo por acidente e sem ter alternativas, cortou rente a nuca. O corte caiu nas graças femininas e nunca saiu de moda. Disponível em : <http://www.morangodela.com/2014/02/o-famoso-corte-chanel-historia-e.html>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.

Com a crise de 1929 (queda da bolsa de valores de Nova York), o padrão de beleza dos anos 20, chegou ao fim. De forma geral os períodos de crise não são caracterizados por ousadias na forma de se vestir. Os anos 1930, transformou as formas femininas do ano anterior, voltou a valorizar o corpo da mulher, a elegância refinada, onde as saias ficaram longas, marcando de forma sutil as curvas do corpo feminino, os cabelos começaram a crescer e a maquiagem natural, como o pó de arroz²², foi utilizada para deixar a pele uniforme e mais branca.

Nos anos de 1930, a Walt Disney lançou a primeira princesa, Branca de Neve de 1937, foi representada com a aparência que uma mulher deveria ter à época, onde a feminilidade era mais suave e a cintura era fina. Sua aparência foi refletida nos olhos castanhos, lábios vermelhos, pele branca, corpo esbelto, cabelos curtos e pretos (o cabelo curto foi um reflexo da moda do corte Chanel nos anos 1920).

O “concurso” de beleza ressurgir nos anos de 1950, após o fim da Segunda Guerra (1939-1945), a mulher dos anos 1940 era o reflexo do estilo militar, com cortes retos, cuja a moda se tornou mais simples e menos chamativa, pois em tempo de guerra enquanto os homens estavam guerreando, as mulheres ficavam cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e das finanças dos maridos, não tendo tempo para o “excitar” a vaidade.

No pós-guerra, a beleza se tornaria um tema de grande importância, a busca pela feminilidade não estava exclusivamente na moda, como também na beleza. O clima era de sofisticação e a euforia ao buscar os cuidar da aparência. A mulher dos anos 1950 se tornou mais feminina, sofisticada e glamorosa, sendo representada pelas princesas loiras da Disney; Aurora e Cinderela, desde o estilo natural e jovial de Aurora, ao estilo sensual e fatal em Cinderela, quando ao se produzir e ir ao baile, resalta a sua beleza, no longo vestido azul, sapato de cristal e penteado nobre (coque).

O Cabelo loiro era a tendência que dominava (principalmente por influências do padrão de beleza europeu: uma mulher loira, pele branca, magra de olhos azuis), pois era a década das tintas de cabelos. O uso de cosmético aumentou gradativamente, a maquiagem contava com o pó de arroz, rímel, ruges mais leve e batons com brilhos. Toda essa “corrida” em busca do mais desejado objeto de consumo (beleza), fez muitas mulheres, para ter um corpo magro e um rosto bonito, optar em uso do espartilho, fazer uso dos cosméticos de forma

²² O pó de arroz, é um talco inodoro utilizado principalmente para maquiagem. Não é feito de arroz, nem tem relação alguma a ele; esse nome popularizou-se no século XIX, quando o pó de arroz era muito usado pelas mulheres para deixar a pele mais clara, praticamente branca, da mesma cor do arroz.

compulsiva e recorrer aos métodos de cirurgias plásticas pra atingir o padrão de beleza que era ditado pela sociedade da moda. “Vivemos em plena liberdade e esse estado de coisas criou para qualquer mulher uma responsabilidade por sua beleza, não há mais desculpas” (VIGARELLO, 2006, P.105).

O ideal de beleza, o natural de cada pessoa não seria mais um fundamento teria que ser modelado, transformado as imperfeições, o ideal de beleza passou a ser visto como uma conquista, que recorrendo aos métodos de cirurgias, espartilhos, maquiagem, penteados, se “alcançaria a perfeição”. A mulher magra, de pele branca, cintura fina seria considerada o padrão de corpo ideal. É o que ocorre nas silhuetas das princesas da Disney, “Essas curvas e magrezas não são de hoje (...) fazendo apelo para o controle do espartilho” (VIGARELLO, 2006, P.120).

4.2 Século XXI: A construção de um “novo corpo” na Disney

Escravas da balanças, das medidas cada vez menores, dos cabelos lisos, de bocas carnudas, esse padrão pela busca de um corpo perfeito, levou as mulheres modernas ao processo de obsessão pela aparência. Afinal, elas se arrumam para os homens (como as mulheres do século XX), para outras mulheres ou para elas mesmas?

Na sociedade atual a busca pelo corpo perfeito tem feito a cabeça de várias mulheres. Não um corpo marcado com o espartilho e a magreza exagerada, agora um corpo definido, com uma barriga chapada (barriga sem nenhuma gordura “localizada”), bumbum durinho e horas e horas dedicadas na academia.

O ideal de beleza é um processo de metamorfose, foi o que ocorreu com aparência da princesa Merida do filme Brave. O seu “novo visual” apresentado ao público foi um motivo de supressa e revolta por parte dos fãs da Disney. A imagem abaixo, foi retirada do site Planeta Disney, justificando que a mudança no visual da princesa foi necessário, trazendo uma postura de uma verdadeira princesa.

Na imagem abaixo, o visual da rebelde princesa escocesa foi suavizado e ela não apareceu com seu arco flecha, que é sua marca registrada. Uns quilinhos a mais, e um rosto redondo, não estava mais agradando a Disney, e como Merida foi coroada oficialmente a 11ª princesa do estúdio, sua aparência teve que ser reformulada e se encaixar nos padrões de beleza.



Figura 8 : Aparência de Merida no filme Brave (2012) e depois a sua imagem reformulada pela Disney ²³

²³ Imagem do novo visual da princesa Merida, do filme Brave (2012). Disponível em : <http://www.planetadisney.com.br/princesas-disney-disney-volta-atras-no-visual-de-princesa-merida-de-valente/> Acesso em 24 de janeiro de 2016.

Com cachos mais definidos, uma cintura mais fina, um olhar sedutor, um vestido colante no corpo, revestido com brilhos, a personagem ganhou ares mais femininos e delicados e ao mesmo tempo sexy. Para a roteirista do filme, Brenda Champmam (no seu depoimento retirado do site Super Novo²⁴), Merida foi criada para quebrar com os estereótipos femininos, uma princesa que não se preocupava com a aparência, o bonito dela era o natural.

Eu acho que é uma atrocidade o que eles fizeram com Merida. Quando garotinhas dizem que gostam mais dela assim porque é mais brilhante, está tudo muito bom e bonito, mas subconscientemente, eles estão pregando esse visual provocante e aspecto magro da nova versão. É horrível! Merida foi criada para QUEBRAR esse molde, para dar às garotas um modelo melhor e mais forte, um modelo mais acessível, com mais substância, não apenas um rostinho bonito esperando por romance. (Champmam, Brenda. Criadora de Valente, não gosta das mudanças da Disney em Merida. Depoimento. [13 de maio de 2013]. Site Super novo Net. Cinema).

Essa mudança no visual da princesa, virou um abaixo assinado, com mais de 220 mil assinaturas contra o novo visual da 11ª princesa, o estúdio deu ouvido aos fãs e para evitar possíveis “dores de cabeça”(discussões que estavam tomando proporções abrangente nas redes sociais sobre a insatisfação do visual da Merida) atualizou a página das princesas trazendo o visual antigo da primeira princesa e heroína feminina da Pixar. O Mighty Girl²⁵, foi o site responsável pela mobilização contra a mudança da aparência de Merida, no site continha a seguinte manchete : “Say No to the Merida Makeover and Keep Our Hero Brave!” (Diga não à Merida Makeover e manter a nossa heroína brave!).

As insatisfações por parte dos fãs na mudança do visual de Merida, não incluía a mudança na aparência da princesa, mas a perda de sua identidade, pois ela passou a adotar a postura das princesas do século XX, de aspectos delicados, roupas impecáveis revestidas de brilho. Seus cabelos foram “domesticados”, e seu arco retirado, a beleza foi valorizada do que sua personalidade forte e questionadora, esse novo visual da princesa, não era a que agradava as pessoas, Merida mesmo sendo representada no período Medieval, suas atitudes,

²⁴ Depoimento de Brenda Champmam. Disponível em: <http://supernovo.net/cinema/criadora-de-valente-nao-gostou-das-mudancas-da-disney-em-merida/> Acesso em 24 de janeiro de 2016.

²⁵ Site A Mighty Girl. Disponível em: <http://www.amightygirl.com/blog?p=3253> .Acesso em 24 de janeiro de 2016.

independentes e desafiadoras, são do século XXI, por isso não tinha sentido modificar a heroína valente.

E seguindo a sequência de reformulação das aparências das princesas, a bruxa Malévola que aterrorizou gerações de crianças no filme *A Bela Adormecida* de 1959, retorna ao público encarnada por Angelina Jolie, no filme *Malévola* de 2014. Na imagem abaixo podemos observar a mudança na aparência da fada/ bruxa.



Figura 9 Malévola do filme *A Bela Adormecida* de 1959 e Malévola do filme *Maleficent* de 2014 ²⁶

Malévola dos anos 1950, possuía uma aparência extremamente magra, com maquiagem em tons escuros, pele esverdeada, olhos pretos e vestidos soltos no corpo, não poderia ser considerada sinônimo de beleza, já que a princesa Aurora, era o porte de mulher ideal, loira, olhos azuis, corpo esbelto e personalidade mansa.

²⁶ Comparação entre as aparências de Malévola no Filme *Bela Adormecida* (1959) e *Malévola* (2014). Disponível em <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-107801/>. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

A nova aparência de Malévola de 2014, recebeu um “banho de loja”, adotando um rosto fino e marcante, pele branca, olhos verdes, boca carnuda e vermelha e roupas que modelam o corpo com silhueta esbelta, a nova versão se tornou um desejo de consumo de muitas mulheres. Malévola não era mais repudiada por sua aparência, agora interpretada pela atriz Angelina Jolie, considerada (para o público feminino e masculino) como uma das mulheres mais bonitas do mundo, a nova Malévola se tornou de um modo inconsciente sexy e desejado.

As princesas do filme Frozen, fazem parte dessa campanha de belezas desejadas, Elsa com seu cabelo loiro platinado, grandes olhos azuis e personalidade forte, junto com sua irmã Anna, uma princesa ruiva, olhos azuis, sardas e personalidade extrovertida. Conquistaram meninas do mundo inteiro, que querem ter uma festa de aniversário com o tema do filme Frozen, se fantasiar de princesa e se “sentir” bonitas.

A Disney influencia nos gostos e desejos de muitas meninas, as princesas são vistas como modelo oficial de beleza, fazendo com que muitas se submetam aos tratamentos de cirurgias e cosméticos de forma precoce. Atualmente a discussão das aparências das princesas se tornou um caso de polêmica, pois estão saindo de uma aparência suave, simples, para tomar um ar sexy e misterioso.

4.3 Resumos e comentários dos filmes

4.3.1 Branca de Neve e os sete anões (1937)



Figura 10 Pôster Original do filme Snow White and the Seven Dwarfs (versão Walt Disney, 1937) ²⁷

Ficha Técnica

Título Original: Snow White and the Seven Dwarfs

Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen

Lançamento: 1937 (Estados Unidos) e 1938 (Brasil)

Atores: Adriana Caselotti, Harry Stockwell, Lucille La Verne, Pinto Colvig, Roy Atwell, Moroni Olsen, Stuart Buchanan, Billy Gilbert, Otis Harlan, Scotty Matraw e Eddie Collins.

Gênero : Animação

Duração: 83 minutos

²⁷ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Sete_An%C3%B5es_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Sete_An%C3%B5es_(filme)). Acesso em 15 de dezembro de 2015.

Branca de Neve e os sete anões é um filme de animação, dos estúdios da Disney e é baseado nos contos de fadas “Branca de Neve” dos irmãos Grimm. E até os dias atuais é considerado como um clássico da Disney.

A primeira princesa da Disney é uma linda jovem de catorze anos, a mais suave de todas as princesas, humilde e muito solitária. Órfã de mãe e pai, vive no castelo como empregada de sua madrasta, a rainha. Quem não se apaixonaria por essa princesa, de lábios vermelhos, cabelos cor de ébano e pele tão alva como a neve, possuindo um corpo esbelto e pés delicados? É um símbolo de simpatia, pureza e bondade, com seus pensamentos positivos e amiga dos animais. Não se importa com coisas materiais e luxuosas, nem da limpeza excessiva do castelo ou a casa dos anões.

Na imagem acima, a jovem princesa é descrita como “a mais bela de todas”, e a mais magra de todas as princesas da Disney, ela tem um vestido amarelo e vermelho(no pôster de acima), mas no filme sua vestimenta é na cor amarelo e azul, sua marca registrada é o laço vermelho na cabeça. Em sua inocência não pode ver os males do mundo, e está submetidas às opressões por parte da sua madrasta, a rainha invejosa e escrava da vaidade.

Ela é uma sonhadora e uma romântica, que está á espera do seu príncipe encantado, para salva-la das garras da rainha, em sua canção, ao ir pegar água no poço do castelo para continuar a lavar as escadas, o seu desejo é “ Um dia, eu serei feliz, sonhando assim, aquele com quem eu sonhei, eu quero para mim”. Ou seja, a espera do cavalheiro, do protetor, que primeiramente foram os sete anões (homens) e depois o príncipe.

Uma princesa passiva, vulnerável, de beleza invejável, educada, otimista, com voz de sereia, prendada nos afazeres domésticos que conseguiu conquistar o coração do mais “ransiso” anão, o zangado, Banca de Neve acabou se tornando o exemplo da mulher e princesa ideal dos anos 1930, reproduzido pela Disney.

Sua história começa com : Era uma vez uma linda princesa chamada Branca de Neve, de pele tão branca como a neve, boca tão corada como o sangue e cabelos tão negros como a noite. Sua mãe morreu ao dar a luz á linda princesa, seu pai acabou casando outra vez. Sua madrasta era bela, vaidosa e muito orgulhosa e não aceitava que nenhuma mulher fosse mais bela do que ela. Notando um dia a beleza da jovem princesa, cobriu então a princesa com trapos (roupas velhas para serviçais) e a obrigou a trabalhar como criada. Todo dia a malvada rainha consultava seu amado espelho mágico : “ mágico espelho meu, quem é mais bela do que eu?, Enquanto o espelho respondia : “ Tu és a mais bela”, Branca de Neve ficou livre da inveja e crueldade da rainha.

Branca de Neve ia crescendo e se tornando mais bonita, quando a rainha, ao consultar o espelho mágico e este lhe respondeu : “ Famosa é a vossa beleza majestade, porém, há uma menina entre nós com tanto encanto e suavidade, que eu digo ela é mais bela do que vós”. Ao ouvir isso a rainha passou a odiar a jovem menina e mandou o caçador matá-la, e como prova trazer o seu coração. O caçador levou Branca de Neve para a floresta, mas ficou com pena e deixou fugir. Matando em seguida um animal como prova que tinha “matado” a jovem princesa. Branca de Neve, vagou sozinha e assustada pela floresta, até que encontrou uma pequena casinha, e foi acolhida pelos sete anões, que não deixaram que nada a faltasse, quando os anões iam trabalhar, a gentil princesa ficava cuidando da casa, limpando, preparando as refeições.

A Rainha pensou que Branca de Neve estava morta, já que guardava dentro da caixinha o “coração” da menina. Na sua rotina ao perguntar quem é a mais bela de todas, o espelho respondeu : “ Por detrás das sete colinas, além do espaço bosque, lá na casa do sete anões, vive Branca de Neve, que ainda é a mais bela”. A rainha dominada pela inveja, se fantasia de velhinha e oferece uma maçã (envenenada) á jovem que por pura inocência e não dando ouvidos aos conselhos dos anões em aceitar coisas de estranhos, morde um pedaço e cair no sono eterno (fazendo os anões acreditar que estava morta).

Ao voltar para a casa os sete anões encontram a princesa “morta” , ao tentarem de tudo para reanimá-la nada aconteceu. Os sete perseguiram a rainha (que estava disfarçada de velhinha) com pedaços de madeira para matá-la, e a mesma acabou caindo do penhasco (depois do topo ser atingido por um raio) e teve seu destino travado, á morte. Ao retornarem para a casa , era necessário enterrar a princesa em um caixão de vidro com ouro.

Depois de muito tempo, um príncipe ao ouvir que havia uma linda menina dormindo na floresta foi atrás dela, e ao encontrá-la estava no caixão, ao se aproximar Branca de Neve e beija-la, a princesa acorda e o príncipe a leva para o seu castelo. E foram felizes para sempre.

4.3.2 Cinderela (1950)



Figura 11 Pôster original do filme Cinderella (versão da Walt Disney, 1950) ²⁸

Ficha técnica

Título Original: Cinderella

Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson

Lançamento: 1950 (Estados Unidos e Brasil)

Atores: Ilene Woods, Eleanor Audley, Verna Felton, Rhoda Williams, James MacDonald, Luis Van Rooten, Don Barclay, Mike Douglas e Lucille Bliss.

Gênero: Animação e Fantasia

Duração: 72 minutos

²⁸ Disponível em : <http://www.ocamundongo.com.br/curiosidades-do-classico-disney-cinderela/> .Acesso em 15 de dezembro de 2015.

Cinderela é um filme de animação dos estúdios Disney e foi lançado nos cinemas americanos e brasileiros em 1950, baseado no conto de fadas do autor Charles Perrault, conhecida também como a Gata Borralheira, pois sentava-se na frente da lareira se sujando com as cinzas, já na versão da Disney as irmãs apenas a menosprezavam.

Órfã, é de família nobre, quando seu pai morreu, ela virou uma serviçal da casa. Ao contrário das outras princesas da Disney, ela não nasceu com o status de majestade, mas adquiriu ao casar com o príncipe.

Na versão da Disney de 1950, Cinderela é uma jovem de dezenove anos, magra, alta, um rosto suave com pele branca, olhos azuis, lábios cor de rosa e cabelo loiro (que são descritos como loiro brilhante). Seu cabelo geralmente possui várias versões de penteados, visto preso em um coque, amarrado com uma fita ou solto.

Cinderela é uma garota forte e ao contrário de Branca de Neve e Aurora ela não é ingênua, e mostra que pode superar seus obstáculos se enfrentá-los. Uma típica garota dos anos 1950, que está mais preocupada em se livrar da madrasta e das irmãs, arrumando um casamento (Cinderela é a mais velha princesa da Disney com dezenove anos, na idade de casar, ao contrário de Branca de Neve que com quatorze anos, ao ser beijada, sem seu consentimento “dormindo” por seu príncipe, se casa, essa prática atualmente seria considerada pedofilia, mas nos anos de 1930, a menina/ mulher já casava na primeiro ciclo menstrual, pois já estava adapta a ter filhos), com um homem que fornecesse todo o conforto possível, não deixando de ser sonhadora e romântica.

Sua habilidade consiste em saber limpar e cozinhar com rapidez, como mostra no filme, ela faz todas as tarefas com que a madrasta ordena para poder ir ao baile, no final acaba com o vestido rasgado e sendo socorrida pela Fada Madrinha para ir ao desejado baile.

Mas para ser princesa, a aparência, beleza e etiqueta era muito importante. A vaidade vai estar presente nesse conto; Cinderela, por natureza, já é bonita, meiga e batalhadora. Mais o que chama atenção no filme, é o fato que Cinderela não é escolhida por sua beleza, mais pelo acessório que ela tinha nos pés, o sapato de cristal, que simbolizava a liberdade e a representação da vaidade feminina.

A História de Cinderela, inicia-se com o falecimento de sua mãe, seu pai se casa novamente com uma outra mulher arrogante que tem duas filhas más e invejosas. A madrasta tratava a doce Cinderela como uma reles empegada, pois não podia suportar tanta bondade e beleza.

Certo dia o Rei mandou realizar um baile que fossem convidadas as moças mais belas do País, para que seu filho pudesse escolher uma noiva. Cinderela queria ir ao baile pois no

convite diz que é para todas as moças solteiras do reino. A madrasta diz que a menina poderia ir, desde que a casa ficasse arrumada e que ela tivesse algo apropriado para vestir. Cinderela muito feliz, pega um vestido de sua mãe, arruma-o, limpa toda a casa com a ajuda de seus amiguinhos camundongos. Já arrumada e pronta para ir ao baile, teve seu vestido todo rasgado por suas irmãs más, a pobre menina observa suas irmãs e sua madrasta partirem para o baile numa linda carruagem, em seguida começa a chorar.

A sua fada madrinha aparece diante de Cinderela e pergunta á ela o que havia acontecido. A fada transforma uma abóbora em uma linda carruagem, transforma os quatro camundongos amiguinhos em quatro cavalos lindos, transforma um cavalo em cocheiro, o cachorro em libré e, por fim, a fada madrinha deu a Cinderela um lindo vestido de baile e deu-lhe também um lindo par de sapatinhos de cristal, tendo uma condição: o encanto acabava ao bater do último toque da meia-noite. Ao chegar o horário que sua fada madrinha tinha alertado sobre o fim do encanto, Cinderela no seu desespero de fugir acaba perdendo um sapato de cristal.

No outro dia, o príncipe anuncia publicamente que se casará com a moça cujo pé o sapatinho servisse perfeitamente, a madrasta ordena que suas filhas fossem experimentar o sapatinho imediatamente, mas não serviu em nenhuma das duas. O mensageiro faz sinal para Cinderela sentar, mas quando ele tenta calçar o sapatinho no pé da menina, para espanto de todos, ele cai e quebra (mais uma maldade da madrasta), Cinderela sorrindo retira do bolso o outro sapatinho de cristal e calçou-o no pé, para espanto de suas irmãs e da madrasta má este lhe coube perfeitamente. Depois de tanto sofrimento Cinderela é levada ao encontro do Príncipe que aguardava ansioso por sua amada. Alguns dias depois se casam e vivem felizes para sempre.

4.3.3 A Bela Adormecida (1959)

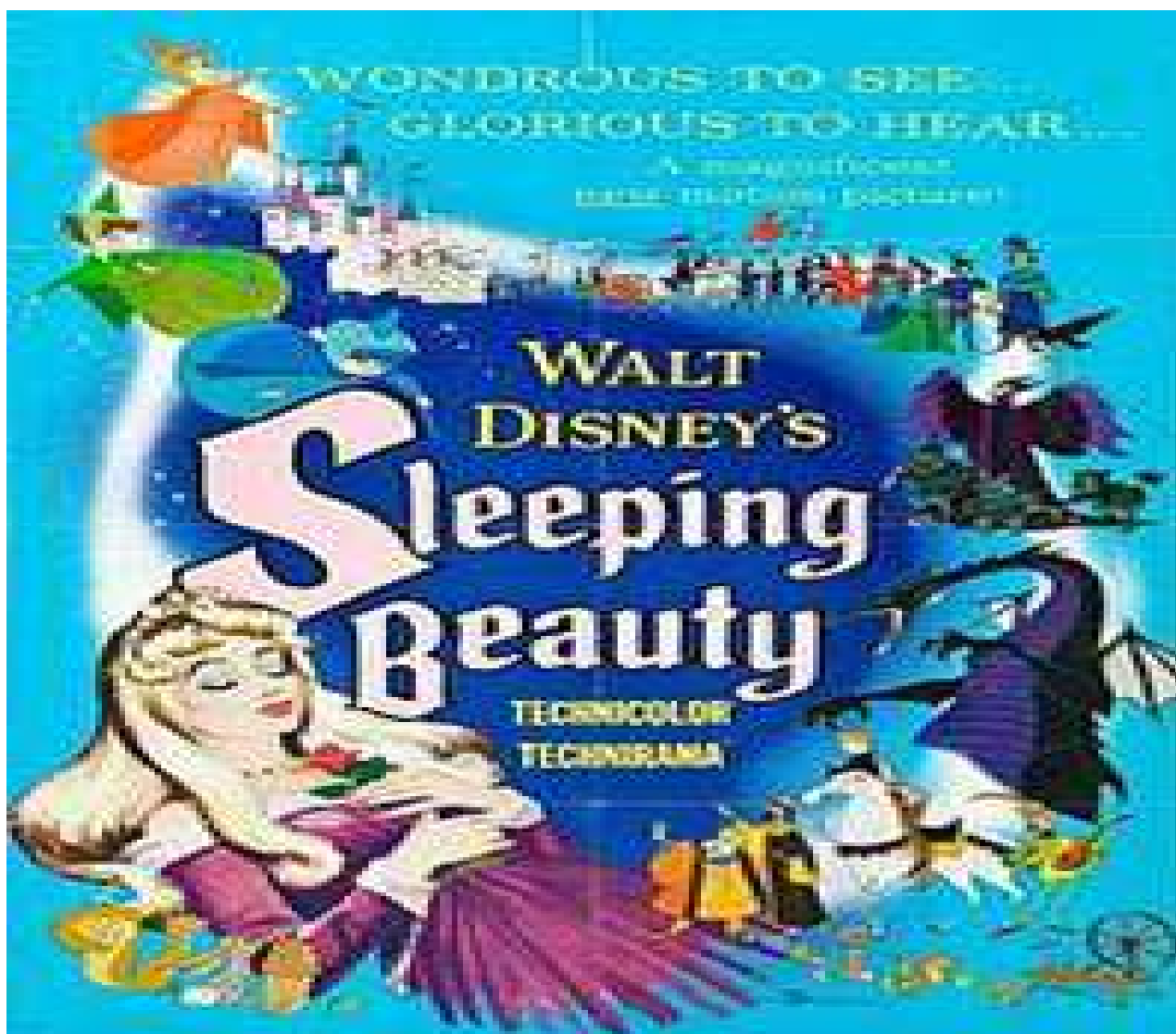


Figura 12 Pôster original do filme Sleeping Beauty (Versão da Walt Disney, 1959) ²⁹

Ficha técnica

Título Original: Sleeping Beauty

Direção: Les Clark, Wolfgang Reitherman e Eric Larson

Lançamento: 1959 (Estados Unidos e Brasil)

Baseado em : A Bela Adormecida de Charles Perrault e Irmãos Grimm

Atores: Mary Costa, Eleanor Audley, Verna Felton, Barbara Luddy, Barbara Jo Allen, Bill Shirley, Taylor Holmes e Bill Thompson

Gênero: Animação

Duração: 75 minutos

²⁹ Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_Adormecida_(filme)) .Acesso em 15 de dezembro de 2015.

O filme *Bela adormecida* de 1959, produzida pela Disney, é uma versão do conto do autor Charles Perrault. Diferente de muitas princesas que se tornaram órfãs, como Branca de Neve e Cinderela (mães faleceram quando elas ainda eram bebês, e os pais morreram algum tempo depois de terem casado com as madrastas más) e as princesas Elsa e Anna (que teve a triste perda dos pais em uma tempestade no mar) .A princesa Aurora é filha do rei Stefan e da rainha Leah, mas por um feitiço lançado pela bruxa Malévola, foi privada da companhia dos seus pais e teve que viver numa cabana na floresta.

A *Bela adormecida* possui dois nomes: Aurora (quando descobre seu status de majestade) e Rosa (chamada pelas suas “tias”/fadas, para despistar seu paradeiro de Malévola). A princesa é uma jovem de dezesseis anos, extremamente bonita com grandes cabelos loiros, olhos violetas e boca rosada.

A vida da jovem menina, parece se dividir em dois momentos (camponesa á princesa), assim como a dualidade de seus nomes (Aurora e Rosa), sua forma de vestir vai se adequando com os costumes e padrões da realeza. Quando estava vivendo na floresta se vestia como uma camponesa, utilizando uma saia cinza, um corpete preto sobre a blusa branca e andava descalça, ao descobrir seu status de princesa suas vestes mudam para um lindo e luxuoso vestido que varia entre as cores azul e rosa, por causa das fadas Flora e Primavera, que discordam sobre a cor dele.

Sua personalidade é descrita como sofisticada ,tímida, ama os animais da floresta e é uma romântica incurável, na cena do filme ao caminhar na floresta, canta : “Aonde? Eu irei encontrar um alguém que me queira, me adore, algum que me faz sorrir”, na frase nota-se a ingenuidade e a insegurança, como resultado de ter sido protegida a maior parte de sua vida, tendo como únicas companhias suas tias/ fadas.

Devido a sua personalidade passiva, muitos classificam Aurora como uma princesa pouco interessante, pela falta de presença e desenvolvimento no filme, a exemplo da imagem acima, a princesa ao cair no sono profundo, fica á espera do príncipe encantado para salva-la, e se o príncipe não aparecesse, iria Aurora continuar dormindo eternamente? A resposta parece ser bem óbvia.

Nos anos de 1959, as mulheres ainda se encontravam restritas aos cuidados do masculino, a princesa é prova disso, de aparência frágil e dócil, mesmo sendo enfeitiçada, não parece se preocupar, sua expressão é serena, meiga e continua irresistivelmente bonita, á espera do resgate chegar.

Esse fato leva alguns a enxergarem que toda essa mansidão ou falta de atitude de escolher e lutar pelo seus destino, se restringem a exigências da época em que o filme se

ambienta e de sua vida extremamente protegida, ou seja, desde o seu nascimento a princesa já tem seu destino traçado, o casamento com o príncipe Felipe e a união dos reinos.

Sua história tem início com o conhecido ‘Era uma vez’, num País bem distante, um rei e sua rainha, que há muito tempo desejava uma criança, finalmente viram seus desejos atendidos. Nasceu uma linda menina a quem deram o nome de Aurora e, para celebrar o acontecimento, o rei e a rainha deram uma grande festa, onde convidaram todos os seus súditos e as três boas fadas, deixando de lado a Fada/ bruxa Malévola.

Quando nasceu, a princesa Aurora foi abençoada pela fada Flora com o dom da beleza, a fada Fauna a abençoou com o dom de cantar e por fim quando a fada Primavera ia conceder seu presente foi interrompida pela terrível bruxa Malévola que proferiu sua maldição contra a jovem Aurora: “ Ouçam bem todos vocês, a princesa crescerá com graça e beleza, e amada por aqueles que a conheçam , mas antes do por do sol do seu décimo sexto aniversário, ela picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá”.

Felizmente a fada Primavera, reverteu o feitiço, “ Gentil princesa, se por um desumano malefício no fuso picar o seu dedo, com o presente de bondade anularemos a maldade, a morte não a levará, você adormecerá e de seu sono sairá, o beijo doce a despertará”.

Para evitar a concretização da maldição, a princesa é criada como uma camponesa, escondida no bosque. Mais isto não foi bastante para parar Malévola. Ela encontra a princesa quando a mesma volta ao castelo no seu décimo sexto aniversário, fazendo com que Aurora espete seu dedo na roca encantada. A mesma cair em um sono profundo.

Para por fim á maldição, o príncipe Phillip, com a ajuda das três fadas boas, derrota a maldosa Malévola com a espada encantada ou a espada da verdade. Flora fala : “Espada da verdade acerte o destino, que o mal caia e o bem triunfe”, nesse momento Phillip lança a espada direto no coração de Malévola (que está na forma de dragão), e a mesma morre. Ao voltar para o castelo, onde a bela princesa dorme em sono profundo, o príncipe beija a jovem (o beijo do príncipe em Aurora, se tornou um caso a ser discutido, pois é certo beijar a princesa enquanto ela dorme? Sem o seu consentimento? .Pois o príncipe é um estranho) ela desperta com o beijo do amor verdadeiro. Assim todo o reino acorda junto com a princesa, a maldição é quebrada e eles vivem felizes para sempre.

4. 3. 4 Brave (2012)



Figura 13 Pôster original do filme Brave (em português, Valente), versão Walt Disney, 2012 ³⁰

Ficha técnica

Título Original: Brave

Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman

Lançamento: 2012 (Estados Unidos e Brasil)

Atores: Kelly Macdonald, Billy Connolly, Emma Thompson, Julie Walters, Kevin McKidd, Craig Ferguson, Robbie Coltrane e John Ratzenberger

Gênero: Animação e Aventura

Duração: 93 minutos

³⁰ Disponível em : <http://www.ocamundongo.com.br/novo-poster-de-valente-da-pixar/> .Acesso em 15 de dezembro de 2015.

Ela é ruiva, tem cabelo enrolado e todo bagunçado, tem dezesseis anos e seu rosto é redondo e não se preocupa nem um pouco com sua aparência, o que importa é que seu vestido seja bem confortável para que se consiga montar em seu cavalo Angus e sair atirando suas flechas para todos os lados. Essa é a princesa Merida, foi a primeira protagonista feminina, produzida pelos estúdios da Pixar³¹, tendo como ambiente a Escócia Medieval.

Merida tem personalidade forte, luta pelo que quer, valoriza o amor da sua família, e não está preocupada com a vaidade, diferente de muitas princesas da Disney, o seu cabelo não possuem penteado, são soltos e bagunçados, o seu vestido é de estampa simples, não acorda bonita, maquiada e sorridente, ao contrário tem que se produzir, devido à exigência de sua mãe.

Foi a primeira princesa Disney solteira na história do estúdio, e esse acontecimento foi a maior supressa no filme, pois rompeu com os paradigmas de que toda princesa necessita do auxílio do príncipe encantado, para socorrê-la. Conhecendo o espírito “marrento” de Merida, era bem capaz do príncipe ser atingido por uma flecha ao tentar ajudá-la, em uma situação difícil sem ela pedir a sua ajuda.

Na imagem acima, observamos a postura de Merida, não é o que se espera de uma princesa, desafiadora e intolerante a tantas regras e obrigações impostas por meio de sua mãe, ela prefere caçar com o arco e flecha e cavalgar nas selvagens montanhas da Escócia, do que tentar se aperfeiçoar e seguir o exemplo de sua mãe, uma rainha de comportamento perfeito, que além de cuidar das necessidades do povo, tem total devoção ao marido e filhos.

Brave se tornou uma metáfora da redenção do feminino por meio da relação da mãe com a filha. A Rainha é o feminino que necessita seguir os protocolos e etiquetas imposta pela sociedade e que provavelmente foi passado por sua mãe, por sua avó e assim sucessivamente. Seu comportamento está voltado para o patriarcalismo, suas prioridades são os afazeres domésticos, como rainha não há necessidade de “por a mão na massa”, mas manter o controle sob os empregados, dividindo o horário das refeições, separando as regras para sua filha. Esquecendo toda a espontaneidade e sexualidade, pois vive para agradar ao marido e ser boa mãe.

Merida ao contrário de sua Mãe Elionor, é o aspecto juvenil, indomável e cheio de sonhos, deseja ter autonomia e não se casar por obrigação. Em outras palavras, ela passou a ser tudo aquilo que a rainha reprimiu em si mesma. E por isso tentou reprimir a sua filha, pois

³¹ Pixar Animation Studios é uma empresa de animação digital norte-americana pertencente a The Walt Disney Company, e vencedora de diversos Óscares.

como rainha foi ensinada o conceito de responsabilidade e limites do que uma mulher poderia fazer.

Tantas desvanças, e se sentindo sufocada com as exigências da mãe de boas maneiras, elegância e beleza, Merida recorreu a uma feitiço de uma bruxa da floresta, transformando sua mãe em um urso. O que chama atenção é que até o início da idade Média na Europa, o urso das cavernas era um símbolo de força e poder, inimigo do homem, ele era visto como símbolo da realeza e divindade. Até que a igreja cristã o substituiu por um leão, que nunca se via na região e não precisava ser temido e nem enfrentado.

Esse foi o caso da rainha, que ao se lançar muito cedo no casamento e na maternidade, acabou perdendo seu lado selvagem e vaidoso, que na forma de urso, revê seus conceitos e resgata seus instintos feminino.

O confronto com a mãe é o que permitiu a verdadeira libertação, tornando-as mais flexíveis, amadurecidas. A rainha compreendeu que nem todas nasceram para serem perfeitas princesas (dotadas de etiquetas e mansidão) e Merida compreendeu a responsabilidade de uma rainha, que toda essas exigências por parte da mãe, se resumiam na preocupação da postura de princesa perante seu reino.

Sua trajetória começa em: Em um reino muito distante, uma princesa quer poder escolher o seu próprio destino. Ela não entende o sentido dos ensinamentos que sua mãe se esforça para ensiná-la e quer fazer as coisas do seu jeito. O nome dela é Merida, que tem os cabelos vermelhos como fogo, cacheados e tão rebeldes quanto sua personalidade, é a melhor arqueira do reino que não mede esforços para defender o que acredita ser certo. A história começa quando Merida é ainda uma menininha. No dia do seu aniversário, ela ganha um arco e flecha de seu pai. Assim que recebe o presente, a princesa logo começa a treinar pontaria. Em um dos tiros, a flecha vai parar dentro da floresta. Então Merida vai buscá-la e vê luzes mágicas azuis que ela ainda não sabe o que é.

A princesa é filha do rei Fergus, um homem bondoso e ótimo guerreiro, que conseguiu unir três clãs inimigos, liderados pelos lordes McGuffin, Macintosh e Dingwall, em um reino só. Ele perdeu uma perna em uma batalha contra o urso Mor'du e, por isso, usa uma perna de pau. O rei espera pela chance de poder se vingar. Por causa de Mor'du, ele adora caçar ursos

Enquanto a princesa cresce, sua mãe tenta ensinar a ela boas maneiras, a história do reino e lições para que ela seja uma boa rainha, já que todos esperam que ela case e seja como Elinor. Mas Merida não quer se casar e nem ser igual à sua mãe. Ela quer poder viver o seu próprio destino, e não aquele que a mãe e as outras pessoas do reino esperam dela. Certo dia, durante o jantar, a rainha Elinor anuncia que os jovens McGuffin, Macintosh e o Pequeno

Dingwall, filhos dos lordes, aceitaram o convite para participar de um antigo costume: um desafio que decidirá quem se casará com a princesa.

Merida não gosta nada da ideia, mas ela tem um plano. É costume que a princesa decida qual será o desafio que os pretendentes devem disputar para tentar ser o noivo. Como ela é uma excelente arqueira, decide que quem conseguir acertar o alvo com arco e flecha ganhará sua mão em casamento. Depois do último jovem lorde acertar o alvo, a princesa resolve ela mesma disputar o desafio para não precisar casar com ninguém. Por causa de sua atitude, Merida e a mãe brigam bastante e a menina acaba rasgando uma tapeçaria feita por Elinor que mostra a princesa, a rainha e o rei juntos.

Elinor fica mais brava ainda e Merida sai do castelo cavalgando em seu cavalo Angus, que também é seu melhor amigo. Enquanto está fugindo, a menina vê as luzes azuis que viu quando era criança e elas conduzem a princesa até a casa de uma bruxa. Merida então pede um feitiço para fazer sua mãe mudar de ideia e ela não precisar se casar. A bruxa aceita o pedido da menina, mas o encanto não sai como a princesa esperava! Merida tenta desfazer o feitiço, mas não encontra a bruxa. O problema é que a princesa só tem dois dias para conseguir isso. E, enquanto a menina procura uma maneira de resolver o problema, os 3 lordes esperam por uma resposta sobre quem ganhará a mão dela.

No final os ensinamentos de sua mãe servem para ambas descobrirem quem são: a mãe aceita e respeita o comportamento da sua filha, independente e aventureira e Merida respeita a educação da sua mãe, conservadora.

Os três lordes acabam voltando para seus reinos e a princesa fica feliz em poder controlar seu destino. No final ela deixa uma reflexão: “ Alguns dizem que o destino está além do nosso controle, que não escolhermos nossa cena, mais eu sei a verdade, nosso destino vive dentro de nós, você só precisa ser valente o bastante para vê-lo”.

4.3.5 Frozen – Uma aventura congelante (2013)



Figura 14 Pôster original do filme Frozen ,versão Walt Disney, 2013³²

Ficha técnica

Título Original: Frozen

Direção: Chris Buck e Jennifer Lee

Lançamento: 2013 (Estados Unidos) e 2014 (Brasil)

Atores: Kristen Bell, Idina Menzel, Jonathan Groff, Josh Gad, Santino Fontana e Alan Tudyk

Gênero: Animação, Fantasia e Musical

Duração: 102 minutos

³² Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frozen_\(2013\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frozen_(2013)) .Acesso em 15 de dezembro de 2015.

Frozen uma aventura congelante, é um filme de animação musical produzido pela Walt Disney, se tornando o 53º filme produzido pelo estúdio (Animation Studios). Inspirando nos contos de Hans Christian Andersen³³ cujo o conto foi : A rainha da Neve. O filme Frozen (2013) narra as desventuras das princesas de Arendelle.

A rainha Elsa de Arendelle ou a Rainha de Neve, é uma jovem de vinte e um anos, belíssima, com um corpo esguio, cabelo platinado loiro, olhos azuis e pele pálida (tendo um pouco de sardas). A sua vestimenta é caracterizada por um vestido cristal azul feito de gelo, debaixo das mangas do vestido existe uma longa calda transparente que possui pequenos flocos de neve (como cristais). O seu penteado se baseia em uma trança lateral tecida com incrustações de floco de neve.

Diferente de muitas princesa, a chamada Rainha da Neve, possui poderes, tendo o controle sobre o gelo. Com suas habilidades (que nasceu com ela), pode invocar várias coisas a partir de pequenos flocos de neves ou nevasca (como o mostro de gelo ou guardião do castelo de neve, sua função é defender a rainha e expulsar os viajantes).

A maioria dos seus poderes provém de suas mãos e controlado por suas emoções. Se ela está feliz, seus poderes estão sob controle, mas se ela está com medo ou estressada, seus poderes vão sair de controle e causar um grande dano àqueles que estão ao seu redor.

Seus poderes ganham destaque durante a música “Let it Go” (Deixe ir), em que Elsa se liberta dos medos e repressões em esconder seus poderes, permitindo que suas habilidades se soltem. No refrão da música , “Let It Go”, mostra o alívio e a felicidade de em Elsa ser ela mesmo, sem se preocupar com as cobranças do reino e o que seus súditos vão pensar em ter uma rainha com “defeitos”. No entanto deve notasse que quando Elsa cantou, ela queria dizer que não iria chorar, porque ela estava sozinha e estava feliz, ela poderia ser ela mesmo.

Deixe ir, deixe ir
 Não posso suportar mais
 Deixe ir, deixe ir
 Dou as costas e bato a porta
 E aqui estou
 E aqui eu vou ficar
 Deixe ir, deixe ir
 O frio nunca me incomodou mesmo

Sua personalidade é calma, reservada e rígida, bem experiente na graça e equilíbrio. Quando era mais nova, ela se preocupava fortemente com Anna, e embora fosse a mais madura das duas, ela era brincalhona. Mas desde que sua magia causou um acidente quase

³³ Hans Christian Andersen foi um escritor e poeta de histórias infantis, nascido em 2 de abril de 1805 e faleceu 4 de agosto de 1875, na atual Dinamarca. Andersen era filho de um sapateiro e sua família morava num único quarto. Apesar das dificuldades, ele aprendeu a ler desde muito cedo e adorava ouvir histórias.

fatal, que o rei Trolls, o especialista do amor, conseguiu curar Anna, apagando suas lembranças e dizendo a Elsa para ela ter cuidado com seus poderes, pois ela poderia machucar as pessoas que ama e a si mesmo.

Elsa tinha vivido com medo em grande parte de sua vida, com a intenção de esconder seus poderes congelantes, optou pelo isolamento pensando que desse modo, todos que ela ama, incluído Anna estaria seguros dos seus poderes.

A semelhança que compartilha com poucas princesas da Disney a exemplo de Merida, que não possui um parceiro romântico, no final da sua história e sabe se defender ser for atacada. Seu conflito não é romântico (á espera do príncipe), mas pessoal, vai desde as brigas com sua irmã Anna, enquanto ela queria o isolamento Anna queria companhia, desde a aceitação do seu “verdadeiro eu”, mesmo sendo uma rainha ela possuía habilidade que não queriam e tentava esconder.

Ao contrário de sua irmã mais velha, Anna cujo o nome significa “cheia de graça” é muito espontânea, desajeitada e longe de ser uma elegante princesa. Impulsividade deveria ser seu segundo nome, pois é uma garota de espírito livre, que sonha em sair do castelo (desde a morte dos seus pais, o castelo foi fechado até a coroação de Elsa).

Também pode haver um pouco de ingenuidade sobre ela, como na coroação de Elsa que ela conhece o príncipe Hans e acredita estar apaixonada, embora só o conheça em um dia. E embora seja um pouco ingênua, está longe de ser fraca, mostrada que sabe se defender, como nas cenas que ela lutou contra os lobos, o gigante de neve (guarda- costa de Elsa), assim como ela socou Hans fora do navio, depois que ele tentou contra a vida de sua irmã e tentar tomar o poder em Arendelle.

Anna é uma menina bonita que tem dezoito anos, uma figura esbelta de pele clara, possuindo o cabelo ruivo com duas tranças e um pouco de sardas. Ela também tem uma ‘mecha” no lado direito do seu cabelo, platinado de loiro, devido ao acidente em que ela foi atingida pelo poder de Elsa, quando eram pequenas. Sua roupa mais famosa consiste no vestido azul escuro com um corpete preto, blusa azul claras e botas pretas. Ela também possui uma capa descartável na cor rosa escuro.

De uma personalidade aventureira, ela detesta o isolamento, fato comprovado na cena do filme, quando Anna vai até a porta do quarto da irmã (depois do acidente que ela não se lembrava que sofreu ao ser atingida acidentalmente por Elsa nas suas brincadeiras, pois os pais, junto com o troll decidiram privar Anna das lembranças dos poderes da irmã). No trecho da música a seguir “Do You Want To Build a Snowman?” (Você quer construir um boneco de

Neve? ou Você quer brincar na neve?), mostra Anna tentando contato com a irmã, onde a mesma se isolou, depois de provocar a quase morte da irmã.

Você quer brincar na Neve?
De alguma coisa que não se
Faz tanto tempo que eu não vejo mais ninguém
Até com os quadros da parede eu já falei
“Firme aí, Joana!”
É meio solitário
Tão vazio assim
Só vendo o relógio andar
Tic tac tic tac tic tac

O trecho acima, representa toda a emoção que a jovem princesa passava ao ficar isolada, mesmo insistindo e perguntado se a irmã queria brincar, buscando companhia ela sempre recebia como resposta “Vai embora Anna”.

Assim como Elsa, Anna possui algumas características com Merida: tem uma personalidade destemida, acaba causando problemas para a família, no caso de Merida que transformou sua mãe em um urso por um feitiço e Anna que acidentalmente faz sua irmã congelar o verão, na noite da coroação de Elsa, ela insistia em casar com o príncipe Hans e a rainha não deu seu consentimento, alegando que ela não poderia ter se apaixonado no primeiro encontro (desconstruindo o amor que a Disney representou no século XX, o amor a primeira vista, o príncipe Hans se mostrou mais interessado em tomar o reino de Arendelle).

Ao contrário de sua irmã Elsa, Anna ao longo de sua jornada a procura da irmã que preferia estar isolada a ser julgada no reino por causa dos seus poderes, acaba conhecendo Kristoff (um nômade), um rapaz simples, forte e sensato ,que vive de acordo com suas regras, e junto com Sven (rena), eles estão sempre a procura de trabalho. Eles acabam se apaixonando, mas diferente de muitos finais da Disney, não acabam casando, mas só namorando.

A parte mais forte em Elsa é o seu amor por sua irmã, se tornando uma motivação final para salvar Anna e livrá-la da maldição, a jovem princesa virou uma estátua de gelo. Embora ela sinta responsável pelo caos que causou (inverno eterno), o Vínculo, o amor com Anna permite ter o controle mais forte sobre seus poderes congelantes, a fim de salvar aqueles que ela se preocupa, enfrentando seu medo e aprendendo a usar suas habilidades para o bem, encontrando o equilíbrio e devolvendo o verão para Arendelle

4.3.6 Maleficent (2014)



Figura 15 Pôster original do filme Maleficent (Malévola), Versão Walt Disney, 2014 ³⁴

Ficha técnica

Título Original: Maleficent

Direção: Robert Stromberg

Lançamento: 2014 (Estados Unidos e Brasil)

Baseado em : La Belle au bois dormant de Charles Perrault e Bela Adormecida de Irmãos Grimm

Atores: Angelina Jolie, Charlto Copley, Elle Fanning, Sam Riley, Imelda Staunton, Juno Temple e Lesley Manville

Gênero: Aventura e Fantasia

Duração: 97 minutos

³⁴ Disponível em: <http://www.harpersbazaar.com.br/uncategorized/first-look-angelina-jolie-com-sua-filha-vivienne-em-malevola/> .Acesso em 15 de dezembro de 2015.

A primeira vez que Malévola apareceu, foi no filme da Disney A Bela Adormecida de 1959, devido à atmosfera “sombrio” que a vilã trouxe para o mundo dos contos de fadas, acabou se tornando uma das mais queridas do mundo Disney. Ganhando sua versão no filme Maleficent produzido em 2014 e interpretada pela atriz Angelina Jolie.

Malévola foi uma das mais recentes estreias da Walt Disney, muita coisa foi desconstruída, a clássica vilã que ficou conhecida como a “rainha do mal”, que era desonesta e cruel, foi transformada em uma personagem com uma história profunda e tocante. Foi traída pelo homem que amava (tendo suas asas arrancadas) por ambição de Stefan ao querer se tornar rei acabou ferindo e provocando a fúria na rainha dos Moors. Malévola mesmo desiludida encontrou em outra figura feminina (Aurora) a sua redenção e a capacidade de amar.

Na imagem acima, a beleza e a força vai ser marca registrada de Malévola, por ser uma fada é uma mulher formosa, desde criança é uma criatura mágica, com olhos verdes, lábios carnudos e vermelhos, longos cabelos na cor de chocolate e soltos em torno de seus chifres, possuindo enormes asas marrons.

Depois da traição cometida por seu “amado”, a aparência de Malévola vai ser tornar sombria. Seus trajés até o momento em tons marrons e verdes, passaram a ser escuros. Seus cabelos são contidos em um turbante apertado, o vestido agora não é mais solto e sim estruturado, marcando as curvas do corpo, tendo como complemento a longa calda com detalhes de couro.

Ela é extremamente cortês, audaciosa, inteligente, vingativa, uma mulher independente, que não fica nos cantos se lamentando pela desilusão amorosa, com seu riso de escárnio, ela vai enfrentar o rei Stefan no batizado da princesa Aurora, mostrando de forma sublimar (só o rei entenderia), que todo o mal que ele fez contra ela, foi superado (traição amorosa). E ela se tornou uma rival que ninguém ousaria desafiar-la.

Ao mesmo tempo que criou uma barreira protetora em sua volta, não deixando espaço para ninguém se aproximar, por ironia do destino, se tornou de forma indireta “mãe” da jovem princesa, pois enquanto Aurora estava aos cuidados das três fadas ela passou por situações de fome (as três fadas não sabiam o que poderia ser dado para a alimentação de um bebê).

A personalidade de Malévola se caracteriza pela dualidade, ao mesmo tempo que ela tentou matar Aurora quando criança (fazendo a princesa perseguir as borboletas e cair no penhasco), ela salvou a menina. Em todas essas situações, que ela quer matar a jovem princesa, mas vai ao seu socorro quando Aurora precisa, que foi chamada de fada madrinha.

Malévola foi retratada como uma guerreira, “mãe”, vingativa que lutava para manter a salvo aqueles que ela amava (defendendo o reino Mors dos ataques das tropas do rei e protegendo Aurora), sua mudança de comportamento, foi surpreendente, pois acabou nos confundido, se ela era boa ou má, uma anjo caído ou uma bruxa. Talvez ela sempre fosse uma fada boa e por uma desilusão amorosa se tornou vingativa, ao lançar o feitiço em Aurora. Foi nesse momento do batizado da jovem princesa, que a Disney mostrou o outro lado da “vilã”, conseguindo acessar a “verdadeira essencial” de uma alma consumida e torturada pela raiva e traição.

Sua história inicia com: Era uma vez dois reinos que tinham um péssimo convívio, a discórdia entre eles era tanta que dizia que só um grande herói ou um terrível vilão poderia uni-los, em um deles viviam pessoas comuns (humanos) junto com um rei ganancioso que invejava a riqueza do seu vizinho, o reino das criaturas mágicas, Moors.

Malévola conta a história de uma fada que nasceu e foi criada em Moors. Ainda criança, ela conhece um humano, Stefan e acabaram se tornando amigos, mas quando eles crescem, a ganância de Stefan acaba fazendo ele se afastar de Malévola, obcecado em tornar-se rei, ele acaba cometendo uma traição, roubando as asas da guardiã dos Moors, para conquistar o status de majestade, no reino humano.

Esse ato de traição transformou o coração puro de Malévola em pedra. Decidida a se vingar, ela encara uma batalha épica com o sucessor do rei invasor, colocando uma maldição na sua filha recém-nascida, Aurora. Conforme a criança cresce, Malévola percebe que Aurora é a chave para a paz no reino e talvez para a sua felicidade também.

Mas essa fada, que foi temida no filme *A Bela Adormecida*, volta em forma de heroína, que luta contra a ganancia e o egoísmo do Rei Stefan, e se arrepende de lançar no seu ato de ira sua maldição contra a jovem princesa Aurora. A maior mudança da história foi realmente na forma que o amor é demonstrado. Agora existe um amor “real”, sem aquela fantasia toda do príncipe encantado, que salva a mocinha frágil, um amor que vemos nos nosso dia a dia, que todos temos contato.

Para a quebra do feitiço, o amor vai ser na forma materna, afinal foi Malévola que cuidou indiretamente, junto com Diaval (corvo) de Aurora. Ao encontrar a princesa deitada no seu sono, Malévola emocionada fala: “Não vou pedir o seu perdão, porque o que fiz a você é imperdoável, que eu estava cega de ódio e revolta. Querida Aurora, roubou o resto do meu coração e agora te perder para sempre, eu juro não abandonar você, enquanto eu viver e nenhum um dia se passará, sem eu me sinta culpada”. E ao dar um beijo na testa de Aurora, a princesa despertar com o beijo do amor verdadeiro, o amor materno.

No final Malévola teve que destruir o Rei, pois este estava pondo o seu egoísmo na frente, sem se importar com as demais pessoas incluindo sua filha. No enredo final Malévola abriu mão da coroa e os dois reinos foram unificados, governados pela Princesa Aurora. Ao Narrar a última cena, Aurora acrescenta : “ Portanto a história não é exatamente como contaram a você, eu sei disso, pois eu que fui chamada de A Bela Adormecida, no fim meu reino não foi unido por um herói ou um vilão como a lenda dizia, mas ao mesmo tempo alguém que foi heroína e vilã e seu nome era Malévola”.

4.4 Tabela : Características dos filme da Walt Disney (século XX e século XXI).

NOME DOS FILMES	LANÇAMENTO	GÊNERO	NOME DAS PERSONAGENS	ELENCO DO FILME
Branca de Neve os sete anões	1937	Animação	Branca de Neve	Branca de Neve; Príncipe encantado; Rainha/ Bruxa; Espelho mágico, Caçador, Atchim, Soneca, Zangado, Feliz, Dengoso, Mestre e Dunga.
Cinderela	1950	Animação e Fantasia	Cinderela	Cinderela, Madrasta, Príncipe, Anastasia Tremaine e Drizella Tremaine (irmãs), Fada Madrinha, Rei.
A Bela Adormecida	1959	Animação	Aurora/ Rosa	Princesa Aurora/ Rosa, Príncipe Felipe, <u>Malévola</u> ; Fauna, Flora e Primavera(fadas) ; Rei Estevão; Rei Humberto e Rainha Leah.
Brave/ Valente	2012	Animação e Aventura	Merida	Princesa Merida, Rei Fergus; Rainha Elinor; Angus (cavalo); Bruxa da floresta; Lorde Dingwall; Lorde MacGuffin; Lorde Macintosh; Jovem

				Dingwall; Jovem MacGuffin e Jovem Macintosh.
Frozen. Uma aventura congelante	2013	Animação, Fantasia e musical	Elsa e Anna	Rainha Elsa; Princesa Anna; Olaf (boneco de neve); Kristoff e Seven (rena); Hans (príncipe ganancioso); Duque de Weselton e Oaken (chefe da sauna e dos correios).
Maleficent	2014	Aventura e Fantasia	Malévola	Malévola; Rei Stefan; Diaval (Corvo); Aurora; As fadas e a Nobreza.

5 CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou explicar de maneira breve, a contextualização histórica do comportamento feminino ao longo do século XX e XXI, presente nos filmes da Disney. Assim como foi possível compreender que os contos de fadas não nasceram voltados para o público infantil, mas com o passar do séculos tonou-se uma literatura dedicada a criança.

A figura das princesas da Disney continuam popular no imaginário infantil e seus filmes trazem significados profundos e que muitas vezes passam despercebidos na primeira análise. Com reflexo dos períodos históricos que foram criados do século XX (1937 á 1959) e do século XXI (2012 Á 2014), os filmes permitem observar a evolução do papel feminino.

A representação social de cada princesa revela os anseios da mulher de cada época, refletindo o papel desta na sociedade. De donzelas delicadas que ficam á espera de serem regatados pelo príncipe encantado á mulheres que enfrentam o mundo em busca da independência, das escolhas. As princesas da Disney do século XX foi uma mulher que ia ao baile, casavam de acordo com as escolhas do pai, ao contrário das princesas modernas do século XXI, donas do seu próprio destino.

De forma sutil, os contos clássicos e modernos da Disney transmitiu , como deveria ser o comportamento para as meninas. De acordo com Bourdieu (2005), a dominação masculina seria uma forma de violência simbólica, pois uma sociedade dominada por padrão masculino, o passivo (mulher) está submetido ás normas do grupo dominante, seja pela maneira de vestir, falar, comportar.

Temos como suporte e fundação teórica os conceitos de identidade de Hall (2005), Simone Beauvoir (1980), como o segundo sexo, Mary Del Priore (1997), em História das mulheres no Brasil e Joana Maria Pedro (1994), em Mulheres Honestas e Mulheres faladas.

Portanto conclui-se que o papel feminino passa por modificações significativas, desconstruindo a diferença de gênero e apresentando uma nova identidade para o universo feminino: uma mulher determinada, guerreira e capaz de enfrentar a nova realidade social, sem precisar de um homem (príncipe) ao seu lado.

REFERÊNCIAS

- A Bela adormecida.** Walt Disney, 1959. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f9uz5y7rg-k>. Acesso em Janeiro de 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 4.ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- Branca de Neve e os Sete Anões.** Walt Disney, 1930. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=pV3ISzuKU8w>. Acesso em janeiro de 2015.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney.** Rio de Janeiro, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 4.ed.Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** 2.ed.Lisboa, 2002.
- CINDERELA.** Walt Disney, 1950. Disponível em: <http://filmesinfantil.com.br/2015/03/29/cinderela-1-dublado-1950/>. Acesso em janeiro de 2015.
- COELHO, Nelly Novares. **O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos.** São Paulo: Paulinas, 2006.
- BARROS, Leandro de. **Criadora de Valente não gostou das mudanças da Disney em Merida.** Disponível em: <http://supernovo.net/cinema/criadora-de-valente-nao-gostou-das-mudancas-da-disney-em-merida/>. Acesso em 24 de janeiro de 2016.
- DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto/Edunesp, 1997.
- HIDRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade,** 2004.
- IRANILSON, Buriti de Oliveira e AGUIAR, José Otávio. **Identities e sensibilidades: o Cinema como espaço de leitura.** São Paulo, Humanista. 2015
- JÚNIOR, José dos Santos Costas. **Gramáticas de poder e políticas do Corpo: uma análise dos discurso de proteção e assistência a infância na Paraíba em 1948.** Campina Grand, 2015.

FROZEN. Walt Disney, 2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LQTDg05eNBs>. Acesso em janeiro de 2015.

NAGIB, Luísa. **Preconceito contra a mulher.** In: PINSKY, Jaime (org). São Paulo: Contexto, 2006.

MALEVÓLA. Walt Disney, 2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ExZ9qnCac6g>. Acesso em Janeiro de 2015

OLIVEIRA, Patricia Sueli Teles de. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças.** Salvador- Bahia, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas:** uma questão de classe. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994.

PERRAULT, Charles. **Contos.** Lisboa: Estampa, 1977.

BRAVE. Pixar, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gzjds2yjRjE>. Acesso em janeiro de 2015.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza.** Rio de Janeiro: Ediouro. 2006.